Universidade Estadual de Maringá
Mestrado Profissional em Ensino de História

PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

IARA APARECIDA DE OLIVEIRA VERONEZI

LITERATURA E HISTÓRIA:
O USO DO CONTO “NEGRINHA” COMO FONTE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Maringá/PR
2024

IARA APARECIDA DE OLIVEIRA VERONEZI

LITERATURA E HISTÓRIA:

O USO DO CONTO “NEGRINHA” COMO FONTE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA-UEM, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ensino de História.

MARINGÁ, 27 de Maio de 2024.
Orientador: Profº Dr. Ailton José Morelli

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ailton José Morelli
Universidade Estadual de Maringá – UEM
Orientador

Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia da Silva
Universidade Estadual de Maringá
Universidade de Alfenas - MG
Examinador Externo

Prof.ª Dr.ª Márcia Elisa Teté Ramos
Universidade Estadual de Maringá
Membro do corpo docente

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

V549l

Veronezi, Iara Aparecida de Oliveira
Literatura e História : o uso do conto "Negrinha" como fonte no ensino de História / Iara Aparecida de Oliveira Veronezi. -- Maringá, PR, 2024.
69 f. : il. color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Ailton José Morelli.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (Rede Nacional - Polo PROFHISTÓRIA - UFRJ) - Mestrado Profissional, 2024.

1. Ensino de história. 2. Consciência histórica. 3. Metodologias ativas de ensino. 4. Memória. 5. Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Negrinha - Crítica e interpretação. I. Morelli, Ailton José , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (Rede Nacional - Polo PROFHISTÓRIA - UFRJ) - Mestrado Profissional. III. Título.

CDD 23.ed. 907

Rosana de Souza Costa de Oliveira - 9/1366

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão a Deus, pois sem Ele, não teria encontrado a força e a perseverança necessárias para percorrer os caminhos que me conduziram ao término desta pesquisa.

Ao meu orientador Professor Doutor Ailton José Morelli, pela paciência, motivação e encorajamento. Suas aulas, sugestões de leitura e trocas de ideias , fundamentais para me auxiliar ao longo deste percurso acadêmico.

Agradeço também de maneira especial às Professoras Doutoras Márcia Elisa Teté Ramos, Ana Lúcia da Silva e Isabel Cristina Rodrigues que tiveram um olhar acolhedor e acreditaram na proposta de minha pesquisa, apontando caminhos viáveis para compreender uso da literatura como fonte no Ensino de História.

Quero expressar minha sincera gratidão a todos os professores do Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória da Universidade Estadual de Maringá, pela excelência e qualidade técnica demonstrada em cada interação e contribuição ao longo deste processo.

A minha família que em muitos momentos me ausentei, me dedicando cotidianamente à conclusão da pesquisa.

A todos vocês, meu mais profundo: muito obrigado.

“Professores e professoras de história que têm a possibilidade de transformar o trabalho com fontes numa rotina que contagiam suas turmas e possibilitam o aprendizado efetivo do passado e das formas como o conhecimento histórico se constitui.”

(Verena Alberti)

VERONEZI, Iara Aparecida de O. Literatura e História: **O Uso do Conto Negrinha como Fonte no Ensino de História.** Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) Universidade Estadual de Maringá. 2024.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é explorar a relação entre Literatura e História e sua contribuição para o ensino de História. Ao abordar um tema, o historiador pode utilizar obras literárias como fonte, facilitando a compreensão do contexto histórico. Afinal, a literatura reflete as experiências humanas ao longo do tempo, as intenções e a forma como as pessoas percebem as mudanças no mundo, ela instiga questionamentos e inquietações que se conectam com a memória e a construção da narrativa histórica. Dessa forma, ao observar as dificuldades dos alunos em assimilar certos tópicos da grade curricular, decidiu-se trabalhar em sala o conto "Negrinha", de Monteiro Lobato, juntamente com o conteúdo sobre movimentos sociais (os negros no pós-abolição). Apesar das críticas às obras de Lobato, "Negrinha" oferece reflexões significativas sobre racismo, violência contra crianças e mulheres, abuso do trabalho infantil e abuso de poder. A Lei 10.639/2003, sancionada em 9 de janeiro de 2003, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio, públicas e privadas. A Lei 11.645/2008 complementou a Lei 10.639/2003, incluindo também a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Indígena no currículo escolar. Essas leis são marcos importantes para a educação no Brasil, pois visam incluir a história e cultura de grupos historicamente marginalizados no currículo escolar, promovendo a valorização da diversidade cultural e a luta contra o preconceito racial. Ao abordar os movimentos sociais e "os negros no pós-abolição", refletimos sobre a trajetória de lutas e conquistas que transformaram uma geração em busca de uma sociedade mais justa. Nesse sentido, dar voz aos historicamente invisibilizados é fundamental para compreender e valorizar a diversidade cultural e social do Brasil. Foi adotada a prática de aulas-oficinas. Esta prática, conforme preconizada pela historiadora Isabel Barca no texto "Aula Oficina: do Projeto à Avaliação", publicado nas Actas das Quartas Jornadas de Educação Histórica realizadas em Portugal em 2004, envolveu a exploração do conteúdo pelos alunos através de leituras e anotações durante as aulas. A fundamentação teórica incluiu leituras de Roger Chartier, Jorn Rusen, Philippe Ariés, Eliane Mimesse Prado, Ailton José Morelli, entre outros autores. A pesquisa utilizou métodos empíricos, como questionários com dados gráficos. Posteriormente, realizou-se a leitura individual e coletiva do conto "Negrinha", incorporando metodologias ativas, como atividades em pares, rodas de conversa, compartilhamento das ideias, utilização da ferramenta Jamboard, criação de vídeos e podcasts, onde os estudantes expressaram suas reflexões sobre o conteúdo apresentado. Eles participaram ativamente, demonstrando indignação diante da situação vivida pela personagem e inquietações sobre as adversidades enfrentadas por crianças, especialmente aquelas que são mulheres e negras. Portanto, ao utilizar a literatura como ferramenta educativa no ensino de História, proporcionamos uma compreensão mais profunda e empática das complexidades do passado e suas conexões com o presente.

Palavras-chave: Ensino de História, Literatura, Lei 10.639/2003, Educação Antirracismo, Consciência Histórica e Memória.

VERONEZI, Iara Aparecida de O. Literature and History: **The Use of the Negrinha Tale as a Source in History Teaching**. Professional Master's Degree in History Teaching (PROFHISTÓRIA) State University of Maringá. 2024.

ABSTRACT

The objective of this research is to explore the relationship between Literature and History and its contribution to the teaching of History. When approaching a topic, the historian can use literary works as a source, facilitating the understanding of the historical context. Literature reflects human experiences over time, intentions and the way people perceive changes in the world. It instigates questions and concerns that connect with memory and the construction of the historical narrative. Observing the students' difficulties in assimilating certain topics in the curriculum, it was decided to work in class on the short story "Negrinha", by Monteiro Lobato, together with the content on social movements (black people in the post-abolition period). Despite criticism of Lobato's works, "Negrinha" offers significant reflections on racism, violence against children and women, abuse of child labor and abuse of power. Law 10,639/2003, sanctioned on January 9, 2003, amended the Law of Guidelines and Bases of National Education (Law 9,394/96), making the teaching of Afro-Brazilian History and Culture mandatory in primary and secondary schools, public and private. Law 11,645/2008 complemented Law 10,639/2003, also including the mandatory teaching of Indigenous History and Culture in the school curriculum. These laws are important milestones for education in Brazil, as they aim to include the history and culture of historically marginalized groups in the school curriculum, promoting the appreciation of cultural diversity and the fight against racial prejudice. When approaching social movements and "black people in the post-abolition period", we reflect on the trajectory of struggles and achievements that transformed a generation in search of a more just society. Giving a voice to those who have been historically invisible is fundamental to understanding and valuing Brazil's cultural and social diversity. The practice of workshop classes was adopted. This practice, as advocated by the historian Isabel Barca in the text "Aula Oficina: do Projeto à Assessment", published in the Minutes of the Fourth Journeys of Historical Education held in Portugal in 2004, involved the exploration of the content by students through readings and notes during the classes. The theoretical foundation included readings by Roger Chartier, Jorn Rusen, Philippe Ariés, Eliane Mimesse Prado, Ailton José Morelli, among other authors. The research used empirical methods, such as questionnaires with graphical data. Subsequently, there was an individual and collective reading of the short story "Negrinha", incorporating active methodologies, such as activities in pairs, conversation circles, sharing of ideas, use of the Jamboard tool, creation of videos and podcasts, where students expressed their reflections about the content presented. They actively participated, demonstrating indignation at the situation experienced by the character and concerns about the adversities faced by children, especially those who are women and black. Therefore, by using literature as an educational tool in teaching History, we provide a deeper and more empathetic understanding of the complexities of the past and its connections with the present.

Keywords: Teaching History, Literature, Laws 10.639/2003, Antoracism, Historical Consciousness and Memory.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular
CREP - Currículo da Rede
Estadual Paranaense ECA -
Estatuto da Criança e do
Adolescente PPC - Propostas
Pedagógicas Curriculares
PTD - Planos de Trabalho Docente
UEM - Universidade Estadual de Maringá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO 1: DISCUTINDO O ENSINO DE HISTÓRIA 15

1.1 A Importância da História 18

1.2 A Contribuição do Historiador 19

1.3 A História da Criança na Primeira República 21

CAPÍTULO 2: A EXPERIÊNCIA COM LITERATURA NO ENSINO DE HISTÓRIA . 26

2.1 Breve Biografia de Monteiro Lobato 27

2.2 O conto Negrinha 29

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO 34

3.1 Dados do questionário no Ensino Fundamental 2022 34

3.2 Dados do questionário no Ensino Médio 2022..... 39

3.3 Dados do questionário no Ensino Fundamental em 2023 44

CAPÍTULO 4: PRODUÇÃO - SUGESTÃO DE AULA- OFICINA: A RELAÇÃO DO CONTO NEGRINHA COM A HISTÓRIA NA SALA DE AULA…….. 53

4.1 O Conto Negrinha como Fonte no Ensino de História .....…… 53

4.2-Plano de Aula-Oficina 55

4.3 Aplicabilidade do Conto na sala de aula 58

4.4 Imagens de Metodologias Ativas utilizadas em sala 60

CONSIDERAÇÕES FINAIS 6**2**

REFERÊNCIAS 66

INTRODUÇÃO

Ao analisar o processo de Ensino de História, observam-se as dificuldades dos estudantes em aprenderem determinados assuntos que compõem a grade curricular da disciplina. Sendo assim, cria-se um certo desinteresse levando a precariedade do conhecimento. Dessa forma, como podemos utilizar métodos que façam o nosso estudante ser mais participativo e comprometido com os estudos de História? Será que às obras literárias contribuem com o conhecimento histórico? Os historiadores utilizam de fontes para buscar na escrita da História as possíveis evidências dos fatos e contextualizá-las no tempo. Tudo que é produzido pela humanidade torna-se objeto de estudo e tem significado histórico para determinado período e colabora para a escrita e entendimento histórico.

A Literatura e a relação com a História, vai ao encontro com a leitura e a escrita buscando suscitar a memória e prevenir as gerações contra o esquecimento. Segundo Roger Chartier (2010, p.19), relacionar os discursos do saber ou da ficção com as técnicas de leitura e escrita que tornaram possíveis uns aos outros: exigências essas que nos previnem contra o pecado capital para um historiador, o esquecimento da diferença dos tempos.

Sendo assim, a literatura será utilizada como Fonte contribuindo com a compreensão dos acontecimentos históricos. Os temas da História, devem ser lembrados e não esquecidos, mesmo narrados de maneira ficcional trata-se de uma história que representa as ideias, os desejos e as frustações de um período. As personagens representam o ideal do sujeito que vive diante das expectativas do seu tempo.

Muitas dessas expectativas como o preconceito, racismo, intolerância ainda são temas obscuros nas páginas de livros, realidades que merecem ser desvendadas e conhecidas pelas pessoas, inclusive pelos estudantes. Portanto, essa preocupação em repensar o Ensino de História vem a partir dos marcos legais como as leis 10639/2003 e 11.645/2008, em que torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira e Indígenas e das Relações Étnicos Raciais. Essas leis colaboram para que dentro do âmbito escolar ocorra a reflexão e conscientização dos valores do povo negro no Brasil. Assim, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e

para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004, p.10):

> (...) o parecer, aos administradores dos sistemas de ensino, de mantenedoras de estabelecimentos de ensino, aos estabelecimentos de ensino, seus professores e a todos implicados na elaboração, execução, avaliação de programas de interesse educacional, de planos institucionais, pedagógicos e de ensino. Destina-se, também, às famílias dos estudantes, a eles próprios e a todos os cidadãos comprometidos com a educação dos brasileiros, para nele buscarem orientações, quando pretenderem dialogar com os sistemas de ensino, escolas e educadores, no que diz respeito às relações étnico-raciais, ao reconhecimento e valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, à diversidade da nação brasileira, ao igual direito à educação de qualidade, isto é, não apenas direito ao estudo, mas também à formação para a cidadania responsável pela construção de uma sociedade justa e democrática.

A citação das Diretrizes Curriculares enfatiza a necessidade de um esforço coletivo para garantir uma educação que respeite e valorize a diversidade étnico-racial do Brasil, promovendo a igualdade e preparando os estudantes para serem cidadãos responsáveis em uma sociedade democrática.

Partindo dessa problematização, foi selecionado o conto “Negrinha” (1920), de Monteiro Lobato. Embora existam críticas às suas obras, é relevante destacar que no conto “Negrinha” nos é permitido analisar e conscientizar os estudantes sobre temas polêmicos como: racismo, a violência contra a criança, a figura da criança e da mulher, a superioridade e o abuso de poder, a falta de liberdade e a exploração do trabalho infantil. O conto é uma narrativa que expressa as condições desumanas vividas por uma criança órfã e filha de uma escravizada, que fica aos cuidados de D. Inácia (patroa). Esse conto foi escrito no período pós-abolição da escravidão, em que o povo negro obteve a liberdade, mas na prática foi excluído e abandonado. Afinal, a luta e a resistência em prol da verdadeira liberdade continuaram com a participação em Movimentos Negros, permanecendo até os dias atuais.

Lélia de Almeida Gonzalez ativista do Movimento Negro combateu incessantemente o racismo. Segundo Lélia Gonzalez (1984, p.226):

> A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha (Gonzales, 1979b), pois

> filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados.

Percebe-se a crítica contundente ao racismo estrutural e institucionalizado na sociedade brasileira, destacando como os estereótipos racistas são naturalizados e usados para justificar a marginalização e a violência contra a população negra. Ele evidencia que esses preconceitos - como a suposta irresponsabilidade, incapacidade intelectual e criminalidade dos negros - são perpetuados pela mídia e aceitos passivamente pela sociedade, levando à criminalização desproporcional e à exclusão social e econômica. Gonzales critica a visão preconceituosa que confina os negros a papéis subalternos e destaca a necessidade urgente de questionar e desconstruir essas narrativas, ou seja, estabelecer um educação antirracista.

Essa educação antirracista se edifica, principalmente, nos espaços escolares, utilizando a leitura e as reflexões como ferramentas essenciais para promover a compreensão cultural desde cedo. Com as inovações tecnológicas e a popularidade da leitura virtual, é igualmente importante encorajá-los a explorar espaços físicos e obras literárias ofertados na escola. Esses espaços e obras representam o acervo das histórias individuais e coletivas, construindo a memória ao longo do tempo.

Ao trabalhar a literatura e a história, buscamos fortalecer o diálogo entre disciplinas, e discussões que reflitam sobre o conhecimento, a narrativa histórica e a importância da preservação cultural e histórica. Para Roger Chartier (2010, p.07), é necessário “Escutar os mortos com os olhos”, ou seja, por meio da leitura, é possível saber o que cada palavra revela ao leitor.

De acordo com Tânia Rosing e Regina Zilberman (2016), todos os textos são relevantes na medida que compõem o cenário das condições de leitura do passado na sua relação com os tempos atuais. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a História é dinâmica, viva.

A fim de pensar essas inquietações, a pesquisa está dividida em quatro capítulos. No capítulo I é apresentada a discussão sobre o Ensino de História, como ela deve ser trabalhada nas escolas, também a proposta assegurar às aprendizagens essenciais que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prioriza ao currículo escolar no Ensino Fundamental e Médio. Em relação à proposta, consta a importância da História e o papel do historiador na construção da consciência

histórica.

No capítulo II, buscou-se analisar a interdisciplinaridade do uso de obras literárias nas aulas de História. A obra selecionada para essa abordagem foi o conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato. O conto contribuiu positivamente para compreender o contexto e a dura realidade no século XIX, e nos permitiu refletir sobre as implicações nos dias atuais.

Já no capítulo III, são apresentados os resultados dos questionários referentes à utilização de obras literárias no Ensino de História, aplicados aos estudantes do 9 ano e do 2 ano, Ensino Fundamental e Médio, respectivamente. Nos questionários foram analisados a importância da prática da leitura e a contribuição para o aprendizado dos estudantes, o acesso dos estudantes a Biblioteca.

No Capítulo IV, é sugerido incorporar o método de aulas-oficina no Ensino de História. Segundo Isabel Barca (2004), a abordagem da aula-oficina visa capacitar o aluno a ser o protagonista de sua formação, considerando suas ideias prévias e experiências diversas. O professor, por sua vez, assume o papel de investigador social e organizador de atividades problematizadoras. O objetivo é que os alunos se tornem agentes sociais através do processo de aprendizagem.

Dentro desse contexto, ao implementar a aula-oficina, pretende-se utilizar como Fonte o conto de Monteiro Lobato. E para fundamentar essa prática pedagógica, aspectos cruciais incluem a aplicação de requisitos como interpretação, contextualização e comunicação. Estes elementos são essenciais para promover uma abordagem abrangente e enriquecedora no ensino, visando não apenas a transmissão de conhecimento, mas também o desenvolvimento de habilidades críticas e a formação de indivíduos que possam atuar de forma ativa e informada na sociedade.

A proposta apresentada pela historiadora Barca defende que o estudante deverá tornar-se protagonista do conhecimento, pois participa do processo de aprendizagem, desenvolvendo um elo de pertencimento da história. O estudante assume o papel de autonomia, sujeito capaz de expor suas opiniões e decisões. Assim, no trato com a fonte história, investiga, questiona, seleciona e anota os dados, que no decorrer desse desempenho consegue estabelecer conexões com outras áreas do conhecimento.

Segundo Amanda Nunes Moreira (2020),

> A nova perspectiva de pesquisa, o estudo do pensamento e da consciência história, proporciona outro olhar sobre as “verdades” históricas que sempre estiveram presentes nos discursos (escritos e orais) de instituições acadêmicas, e em decorrência, também no cotidiano de nossas escolas. Essa nova experiência possibilita que a história, radicionalmente trabalhada nas escolas e nos livros didáticos, de dominantes e dominados, seja questionada com a possibilidade de uma (re)construção, de novos “vencedores” e novos “perdedores”. (Moreira, 2020. p.156)

A partir do momento que tem o envolvimento do estudante no processo de aprendizagem do conhecimento histórico, pode-se formar a consciência da história. Dessa forma, é possível contribuir para novas abordagens e narrativas que visam reconhecer outros sujeitos da história. A consciência histórica pode revelar interpretações diversas que até dias atuais são considerados como únicas e verdadeiras.

Max Lanio Martins Pina (2015, p.288) no texto O Ensino de História na Perspectiva de Jorn Rusen, afirma que Rusen defende que a consciência histórica é que une passado, presente e futuro. A História é uma condição humana e um nexo dessa tripartição temporal, por isso acredita que quando as intenções do agir humano no tempo entram em choque com as experiências no tempo, o ser humano sofre as carências de orientação temporal.

Segundo Pina (2015, p. 290),

> (...) o conhecimento histórico só deve acontecer quando a experiência faz sentido para a vida prática do sujeito, lhe conferindo uma identidade. Uma das aptidões do conhecimento histórico é situar o indivíduo no tempo permitindo que ele age de maneira diferente do passado. (...) Cita-se a exemplo a escravidão brasileira, o fato de se conhecer como ela vilipendiou os negros durante muitos anos, deveria levar a superação dos pré-conceitos e do racismo que ainda estão presentes e velados na sociedade brasileira. O que tudo indica é que cada sujeito possui uma forma de consciência histórica, e isso é o que lhe permite agir no presente. Não se está aqui defendendo a atitude de alguns que encontram dificuldades para superar o racismo, todavia pode-se compreender que o racismo ainda existe porque determinados indivíduos não possuem e não desenvolveram uma consciência histórica mais sofisticada (crítica ou genérica) para lhes possibilitar uma perspectiva de futuro completamente diferente do passado.

De acordo com a exemplificação, o estudante ao formar a consciência histórica, não concorda em aceitar o que já ocorreu no passado, principalmente

quando se trata de comportamentos que não respeitam a vida humana. Para eles, não têm como negar o que ocorreu no passado.

Nessa perspectiva, propor a aula-oficina destinada ao estudo do Conto "Negrinha" implica em realizar uma análise crítica dos fatos narrados na obra, contextualizando-os com as realidades contemporâneas. Essa proposta visa instigar a participação ativa dos envolvidos, uma vez que o referido conto aborda uma diversidade de temas de relevância incontestável para a sociedade atual.

A principal preocupação com o Ensino de História é a formação de indivíduos dotados de consciência crítica e social, capazes de discernir e compreender as dinâmicas de transformação em curso e suas consequências.

CAPÍTULO 1 – O ENSINO DE HISTÓRIA

O Ensino de História pode ser analisado como diferencial entre às demais áreas do conhecimento, porque traz consigo os questionamentos, o contexto dentro do espaço e do tempo que ocorrem os fatos. E com isso possibilita a compreensão dos estudantes, que devem ao longo de sua jornada escolar desenvolver competências e habilidades essenciais de aprendizagens.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é importante assegurar às aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica. Essas aprendizagens essenciais devem assegurar aos estudantes dez competências gerais que vão se articular na construção do conhecimento, no desenvolvimento de habilidades e na formação de valores e atitudes.

> As dez competências visam valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos pelo mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade; Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, análise crítica, a imaginação e a criatividade; Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais; Utilizar diferentes linguagens; Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais; Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências; Argumentar com base em fatos dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos; Conhecer-se, apreciar e cuidar da saúde física e emocional, compreendendo -se na diversidade humana; Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-

> se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos; Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação. (Brasil, 2017. p.09).

No que se refere ao Ensino de História a BNCC deve estabelecer habilidades específicas como:

> Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços; Compreender a historicidade no tempo e no espaço; Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito; Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários; Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações; Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais. (Brasil, 2017. p.402).

Essa organização trazida pela BNCC, têm como objetivo incentivar o estudante a ser uma pessoa mais ativa, participativa que consiga diante das problematizações, pensar e solucionar a situação que está vivenciando, numa tentativa de fortalecer a autonomia própria.

> A utilização de objetos materiais pode auxiliar o professor e os alunos a colocar em questão o significado das coisas do mundo, estimulando a produção do conhecimento histórico em âmbito escolar. Por meio dessa prática, docentes e discentes poderão desempenhar o papel de agentes do processo de ensino e aprendizagem, assumindo, ambos, uma “atitude historiadora” diante dos conteúdos propostos, no âmbito de um processo adequado ao Ensino Fundamental. (Brasil, 2017 p.401)

Portanto, o trabalho desempenhado pelo professor é fundamental, ao buscar a diversidade de fontes oportuniza o estudante produzir conhecimento. Dessa forma, o professor e o estudantes tornam-se agentes de aprendizagem, isto é, mediadores capazes de desempenhar papéis significativos na interpretação e formação da consciência histórica.

Para Arrais e Oliveira (2012), a história não se aprende somente na escola, ela se aprende através da cultura histórica presente nos discursos políticos, nos discursos religiosos, no cinema, na mídia, nos jornais, nos jogos eletrônicos, na literatura, na família, na música entre outros.

A escola tem a função no processo de aprendizagem histórica como: compreensão do mundo, desenvolvimento do pensamento crítico, identidade e pertencimento, consciência social e cívica, prevenção de erros passados, preservação da memória e formação de cidadãos informados, porém não é a única instituição que ajuda nesse processo de aprendizagem do estudante. Ele traz consigo conhecimentos prévios, experimentados e compartilhados de outras instituições, realidades e conforme o envolvimento e desenvolvimento no ensino aprendizagem adquire resultados positivos que podem ser colocados em práticas. Resultados esses que a BNCC define como competências e habilidades.

Em relação ao Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP), o Ensino de História também vai ao encontro BNCC. Afinal, apresenta-se como instrumento que visa orientar a construção das Propostas Pedagógicas Curriculares (PPC), dos Planos de Trabalho Docente (PTD) e dos Planos de Aula.

> (...) o CREP é um instrumento de fundamental importância para prática docente e apresenta um conjunto de conteúdos, competências gerais e competências específicas de cada componente, reflexões sobre metodologias que potencializam as aprendizagens e o processo avaliativo formativos dos estudantes. (Paraná, 2019, p.3)

O trabalho do historiador é norteado pelas propostas da BNCC e do CREP, cabendo ao professor buscar e adaptar metodologias que envolvam os estudantes. Um exemplo é o uso das fontes históricas essenciais para a compreensão e narrativa histórica.

> Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história. (Brasil, 2017. P.398)

O estudante, ao ter contato com a fonte histórica, estabelece critérios de questionamentos, na busca por pistas que ajude a compreender o acontecimento, fazendo parte dessa nova abordagem que vai sendo desvelada. É por isso que, dentro do conteúdo, o professor seleciona as fontes que vão auxiliar no processo de ensino aprendizagem. Até porque, o estudante ao concluir seus estudos deve se sentir pertencente ao momento histórico que experenciou. Assim, para historiadora Maria Auxiliadora Schmidt (2006, p.118) ao dar condições aos estudantes em participar no processo de fazer história é fazer o aluno entender que o conhecimento histórico não se adquire como dom, mas sim através da prática histórica cotidiana.

1.1 A Importância da História

Ao tratar da História temos a percepção de que a história é apenas o estudo do passado, assim gerando certo desconforto por parte dos estudantes que a consideram
como disciplina distante, irrelevante e desinteressante. Mas, diante das práticas pedagógicas os educadores podem ajudar os estudantes a reconhecer a relevância e a objetividade do estudo da história, estimulando um interesse mais profundo e significativo pela disciplina.

Segundo Marc Bloch, o passado é fato construído com base nas investigações e questionamentos do presente.

> Pois, em primeiro lugar, a própria ideia de que o passado, enquanto tal, possa ser objeto de ciência é absurda. Como, sem uma decantação prévia, poderíamos fazer, de fenômenos que não têm outra característica comum a não ser não terem sido contemporâneos, matéria de conhecimento racional? Será possível imaginar, em contrapartida, uma ciência total do Universo, em seu estado presente? (Bloch, 2002, p. 52)

Para o historiador, os acontecimentos que marcam a sociedade são realizadas pela ação humana, e de diferentes maneiras. Ao deparar com um fato histórico, o historiador investiga minuciosamente cada detalhe, a materialidade, até chegar na ação do homem, o que ele fez, como agiu, as consequências, mudanças e permanências de sua participação. Sendo assim, ele é um agente de transformação social.

> Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, os artefatos ou máquinas, por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são homens que a história quer capturar. (Bloch, 2002, p. 54).

As pessoas em sua diversidade étnico, cultural, social e sexual são considerados objetos e sujeitos da História. E mais são pessoas, no tempo. A interpretação e a narrativa histórica vai além do que o tempo cronológico estabelece, porque o tempo é *continuum.*

De acordo com Jorn Rusen (2006), a História é enraizada nas necessidades sociais servindo para orientar a vida dentro e fora da estrutura tempo. É constituída por forças mentais que o historiador, sendo um intérprete ativo que pode repensar ou apropriar suas questões históricas e interpretações.

> Os professores tinham certeza que eles estavam implementando os modelos modernos de estudos históricos. Mas, na realidade da experiência de aprendizagem mostrou um padrão diferente. Assim o processo de ensino e aprendizado na sala de aula é governado por uma estrutura da consciência histórica não reconhecida pelos próprios participantes. (Rusen, 2006, p.03)

Dessa maneira, o ensino de História conforme analisado por Rusen deve propor formar a consciência histórica. A consciência histórica não é simplesmente saber o passado, mas um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro. Nisto, consiste o ensino a ser aprendido pelos estudantes e possam aplicá-los na vida. Portanto, *"a disciplina da história não pode mais ser considerada uma atividade divorciada das necessidades da vida prática.*"

Além disso, é importante destacar que o estudo da história deve estar integrado às demandas contemporâneas, reconhecendo-as como ferramentas vitais para entender e abordar desafios atuais. Isso significa que o conhecimento histórico deve ser aplicado para educar cidadãos conscientes, capacitando-os com habilidades críticas e analíticas necessárias no mundo moderno, e permitindo uma compreensão mais profunda dos contextos sociais, políticos e econômicos que moldam a realidade presente e futura.

1.2 A Contribuição do(a) Historiador(a)

O historiador(a) desempenha um papel significativo na experiência

educacional dos estudantes, principalmente devido à sua capacidade de fornecer uma compreensão aprofundada dos eventos históricos. Essa compreensão é fundamental para o desenvolvimento da consciência histórica dos alunos.

De acordo com Rodrigues e Amaro (2013),

> Entendemos que ser um profissional preocupado com a formação da cidadania significa possibilitar a formação de uma consciência histórica, ou seja, trabalhar a dimensão social da temporalidade; não somente a sua apreensão, mas a própria construção social. Aprender história deve possibilitar ao aluno superar uma dimensão meramente individual do mundo, inserindo-se numa perspectiva coletiva e universal. Para isso, é necessário que professores e alunos trabalhem com os dados da observação e sistematizem esses dados, indo além da mera constatação, apreendendo as condições objetivas de vida ao utilizar os dados teóricos de situações vividas por outros homens, em outros tempos, e em outros lugares. (Rodrigues e Amaro, 2013, p.21)

Em segundo lugar, a história possibilita compreender as diversas experiências de vida, em tempos e espaços diferentes. Desta forma, se constrói uma narrativa histórica fundamentada na coletividade, na investigação e no questionamento da realidade do outro.

> Essa forma de encaminhar o trabalho é o que comumente se denomina de investigação, de pesquisa, o que significa que o ensino de história só se configura quando tratado enquanto investigação de uma dada realidade: um trabalho que provoque perguntas, desafios, questionamentos, e que incite alunos e professores a buscar essas respostas. (Rodrigues e Amaro, 2013, p.22)

A tarefa do historiador(a) vai além dos eventos ocorridos em determinado contexto temporal e geográfico; ela envolve, igualmente, o estímulo ao pensamento crítico, à reflexão e à busca por respostas diante das problemáticas levantadas. O historiador(a) visa, assim, promover a participação ativa dos estudantes no processo histórico, valendo-se de metodologias e abordagens pedagógicas congruentes com a realidade contemporânea. De fato, a pesquisa histórica está intrinsecamente relacionada às pistas deixadas pela humanidade ao longo de sua trajetória. Tais indícios podem tanto referir-se à singularidade das experiências individuais quanto à coletividade dos grupos sociais, convergindo, em sua totalidade, para uma compreensão abrangente do pensamento histórico.

Para Roger Chartier (2010),

> (...) a história se constrói na vida mesma, e por pessoas vivas que estão mergulhadas no século. (...) Nossa obrigação não é mais a de reconstruir a história, como exigia um mundo, por duas vezes levado a ruina, mas de entender melhor e aceitar que, nos dias de hoje, os historiadores já não têm o monopólio das representações do passado. (Chartier, p.11)

De acordo com o pensamento de Chartier, o papel do historiador(a) não lhe é exclusivo, já existem outras áreas do conhecimento que dedicam aos estudos da humanidade. Sendo assim, propõe uma interrelação com essas áreas, que juntas promovam o aprimoramento do saber.

É também com esse intuito que ao abordar uma obra literária no Ensino de História, procuramos relacionar o conhecimento, a investigação com a Língua Portuguesa, a Arte, a Geografia e outras disciplinas afins. Na prática, adotamos uma abordagem que parte do específico para o geral, visando promover uma compreensão mais ampla e interdisciplinar dos conteúdos.

1.3 A História da Criança na Primeira República

Ao desenvolver essa pesquisa, foi pensado em selecionar fontes que ajudassem na compreensão intelectual e da vida prática dos estudantes. Entre as fontes lidas, o Conto Negrinha além de se tratar de um contexto da realidade brasileira no século XIX, também nos leva a pensar o papel da criança na atualidade.

De acordo com Luiz Alberto Gonçalves e Petronilha Beatriz Gonçalves (2000, p.187),

> Quando saimos do século XIX e adentramos o século XX, deparamo-nos com o abandono a que foi relegada a população negra. A maior parte dos estudos retrata a situação dos negros nas áreas urbanas, no período em que algumas cidades do país iniciam rápido processo de modernização.(...)

Isso quer dizer que o aumento da desigualdade entre a população negra foi enorme. Em relação as crianças e as mulheres essas continuaram a sofrer as atrocidades do pensamento escravocrata.

Podemos questionar: O que era ser criança? Será que as crianças frequentavam a escola? Como era o cotidiano dessas crianças, as brincadeiras e as relações familiares? Que tipo de violência sofriam? E as meninas negras como eram

tratadas? E hoje como as crianças são cuidadas?

Em relação a esses questionamentos, de acordo com Ana Lúcia da Silva (2023, p.205),

> (...) percebe as dificuldades dos negros/as em manterem os laços familiares e de liberdade (após a conquista da alforria, por conta de práticas de reescravização de senhores/as), e principalmente da mulher negra vivenciar a maternidade.

Nesse sentido, o descaso com a população negra, inclusive com as crianças era muito intenso, pois mesmo com a lei do Ventre Livre em 1871, as crianças ainda faziam parte do poderio do senhor e voltavam a ser reescravizados. Os laços familiares eram desfeitos sem sentimento, arduamente sem pensar na dor do outro.

Essas inquietações e questionamentos ainda permeiam nossa sociedade, considerando que crianças ainda enfrentam situações de abandono, inclusive sendo deixadas em locais desprotegidas, como terrenos baldios e lixões, e muitas vezes enfrentando negligência quanto à sua participação na esfera educacional. Em muitos casos, são vítimas de abuso e maus-tratos por parte daqueles incumbidos de sua proteção.

De acordo com dados estatísticos de 18 de maio de 2024, foram registradas 11.692 denúncias relacionadas à violência sexual desse público no Brasil. O número é do Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. A data 18 de maio refere-se ao Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, é um momento de reflexão sobre o papel da sociedade no combate a este crime. Essa data foi instituída em 1988, incentivada por um crime ocorrido no dia 18 de maio de 1973, quando uma menina de oito anos foi sequestrada, drogada, espancada, violentada e morta.

Infelizmente os dados estatísticos assustam o Brasil. Para ajudar na prevenção também foi criada uma organização não-governamental conhecida como Instituto Liberta (@institutoliberta) em que a comunicação é a ferramenta utilizada na prevenção contra a violência sexual contra crianças e adolescentes.

Segundo a reportagem de Stella Borges (22/10/2023) para Uol, pode-se observar o aumento de negligência em relação às crianças na sociedade brasileira.

> João*, 9, havia chegado no Rio há 10 dias quando foi abandonado pela tia, dependente química, no centro da cidade, em junho deste ano. Os dois vieram da Bahia — os pais dele, também usuários de drogas, ficaram no estado. Encontrado por adolescentes que faziam um

> trabalho escolar, o menino foi deixado aos cuidados de guardas municipais, que o levaram para o Conselho Tutelar (...)
> (...) Em setembro de 2022, Lucas*, 9, saiu para jogar bola com os amigos e, ao voltar para casa, no Rio, se deparou com a casa vazia: a mãe havia se mudado com os irmãos mais novos e o deixou para trás. (Disponivel em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/10/22/casos-abandono-de-criancas-e-adolescentes-brasil.htm?, acesso em 29/01/2024).

A reportagem traz à tona casos de abandono infantil que refletem questões profundas de vulnerabilidade social e negligência familiar no Brasil. Os relatos de João e Lucas, ambos de 9 anos, exemplificam a gravidade da situação. Esses casos ilustram a falha das redes de apoio familiar e social, além de destacar a necessidade urgente de intervenções governamentais e comunitárias para proteger crianças em situações de risco. O abandono infantil não só coloca as crianças em perigo imediato, mas também compromete seu desenvolvimento físico, emocional e social a longo prazo.

A reportagem também sublinha a importância do papel das instituições como o Conselho Tutelar e as forças de segurança na proteção de crianças abandonadas, mas revela que essas medidas muitas vezes são paliativas e não atacam a raiz do problema. É crucial que políticas públicas sejam fortalecidas para oferecer suporte contínuo e eficaz às famílias em situação de vulnerabilidade, prevenindo casos de abandono e proporcionando um ambiente seguro e saudável para o crescimento das crianças.

Segundo Eliane Mimesse Prado (2021), a cidade de São Paulo cresceu de modo descontrolado nos anos finais do século XIX, em função do aumento súbito, de sua população pela chegada de imigrantes em grandes proporções, muito rapidamente em curto espaço de tempo.

Esse crescimento narrado pela historiadora, mostra que após a abolição da escravidão, a proposta de governo em reorganizar a vida econômica e política brasileira influenciou na dignidade humana. Muitos dos ex-excravizados ficaram a mercê da sociedade, sem trabalho, educação, saúde; se para os homens a vida se tornava mais complicada, o que seriam das mulheres, crianças... qual expectativa de vida? Ora, o cenário brasileiro passava por mudanças, os ares da industrialização, da modernização impunham novas práticas de vida.

> Essa cidade com muitos estrangeiros apresentava uma grande falta

> de moradias, uma ampla inexistência na quantidade de vagas nas escolas públicas de primeiras letras e escassas ofertas de trabalho. Esse caos urbano nos anos inicias do século XX atingia também a população mais jovem e foi analisado sob vários pontos de vista. Neste texto o foco serão as crianças e jovens que estavam nas ruas da cidade e, quais foram os atos associados ao combate dessa permanência. (Prado, 2021. p. 45)

Os estrangeiros a qual a autora se refere são os imigrantes italianos, conforme foram se fixando em São Paulo, a região cada vez mais se parecia com a Itália, com isso o até os empregos ofertados priorizavam os descendentes deles. Portanto, não havia uma inserção dos demais em garantir direitos como moradias, educação e trabalho. As crianças e o jovens viviam na criminalidade.

Para Eliane Prado (2021, p.46), as crianças e jovens acompanhavam o desenvolvimento da cidade e participavam de seu cotidiano. O abandono e a orfandade desses sujeitos, tanto quanto as ações praticadas por eles consideradas como criminosas, também faziam parte do contexto.

Diante dessa triste realidade, a solução encontrada foi a fundação de orfanatos criados por pessoas religiosas, que ao verem o excesso de crianças e jovens abandonados nas ruas, praticando delitos tentaram amenizar essa situação.

As crianças aos poucos foram perdendo espaços para brincarem, antes brincavam entorno das casas, com o crescimento da cidade esses espaços desapareceram. Porém, as crianças que brincavam nas ruas muitas vezes eram acometidas por acidentes, afinal a movimentação também aumentou.

> Toda criança a partir de cinco anos poderia ir a escola pública de primeiras letras ou privada subsidiada. Mas, não existia a obrigatoriedade da frequência escolar. A matrícula garantia que o aluno estaria frequentando em algum momento a escola. Mas, analisando a maioria dos dados compilados nos mapas estatísticos da Inspetoria do Ensino do Estado de São Paulo, os números de alunos matriculados sempre eram maiores que o de alunos frequentes, exatamente porque a frequência não era obrigatória. E o motivo para a falta de obrigatoriedade era a inexistência de vagas para todos os alunos em idade escolar. (Prado, 2021. p.50)

Em concordância com os estudos de Eliane Prado, a criança deveria estar matriculado na escola, porém não era obrigatória a frequência. Segundo esses dados a falta de obrigatoriedade era a inexistência de vagas. Aqui verificamos que a educação não era acessível para todos, em relação ao aprendizado dos que eram matriculados não garantiam o conhecimento na integra, na continuidade. Se uma

criança comparecesse uma única vez era, de certa forma, considerada uma criança que usufruiu do ensino. Logicamente que, não podemos descartar o conhecimento prévios que elas tinham, porém, estava muito longe do desejado para a formação.

Outro aspecto que podemos analisar é de que a criança nesse período não era importante, mas um empecilho para o desenvolvimento da cidade e da nação. Em comparação com dias de hoje, podemos afirmar que a luta pelos direitos das crianças e dos adolescentes é de extrema importância para garantir os direitos fundamentais e não deixar repetir as atrocidades do passado.

É nesse sentido, que também ao abordar a obra de Monteiro Lobato, vemos a preocupação de demonstrar essa visão da criança no conto, a falta de direitos, a desumanização e a sujeição de Negrinha dentro da casa de D. Inácia, a satisfação de brincar e interagir com outras crianças pela primeira vez. Portanto, esse tema nos instiga a investigar mais sobre as realidades vivenciadas pelas crianças e adolescentes que, infelizmente, ainda sofrem com o negação de sua existência.

> O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) instituído em julho de 1990 é um marco diretivo importante que deve ser preservado e ampliado. Em seus procedimentos estabelece os direitos fundamentais do desenvolvimento infanto-juvenil, para a destituição do poder familiar e adoção, além das medidas socioeducativas e dos procedimentos aos crimes cometidos contra crianças e adolescentes. É preciso que as crianças e adolescentes aprendam sobre seus direitos e deveres sociais para tomada de consciência de suas ações presente. (Buchtik, 2021, p.114)

De acordo com Lorena Buchtik (2021), as crianças e adolescentes devem aprender sobre seus direitos e deveres, pois a partir do momento que ela conhece, terá segurança necessária para impedir certas práticas injustas, como abusos, explorações que consequentemente afetam o estado psicológico e físicos dessas crianças.

> Nossa sociedade não é feita somente de adultos. Não há por que entender que o nosso passado também era composto somente deles. O estudo conceitual da infância e da adolescência colabora para o entendimento das disposições do Estatuto da Criança e do Adolescente e do protagonismo infanto-juvenil no presente. O ensino de História sobre as crianças e para crianças deve ter como objetivo discutir quem eram as crianças do passado, como eram tratadas e o que as crianças esperam de seus futuros, lançando-as como protagonistas de suas vidas e dando voz aos nossos pequenos antepassados. (Buchtik, 2021, p.116)

De acordo com a afirmação, discutir o papel das crianças no Ensino de História é dar voz aos nossos pequenos antepassados. E é também com esse intuito que a proposta apresentada nessa pesquisa vai buscar relacionar o estudo de História e a fonte literária de Monteiro Lobato. Portanto, pensar na personagem Negrinha é pensar em inúmeras crianças no século XXI, que estão presas às amarras da injustiça, da ignorância e da insensibilidade humana.

Segundo Morelli (2021, p.96), os cuidados para com a criança tornavam-se um ato de caridade e não um dever. As crianças eram cuidadas, porque estavam abandonadas, órfãs e ter alguém que a protegesse, zelasse era simplesmente um ato de caridade. Por isso, a criança deveria ser grata pelo resto da vida ao tutor. Esse pensamento era uma forma de justificar as violências que as crianças sofriam, o dever remete à legalidade, comprometimento, responsabilidade. Conceitos esses que ficaram esquecidos ou omissos na narrativa histórica.

Essa ausência de responsabilidade para com a criança, alimentou uma série de omissões e negligências em relação à sua existência. Expressar gratidão aos cuidadores acabou por significar uma submissão da sua própria essência aos privilégios alheios. Em outras palavras, foi consentir passivamente com os desejos dos outros, depositando confiança em promessas, sacrificando a própria privacidade. Esse contexto, propiciou a corrupção da inocência da criança pelo egoísmo, resultando na manifestação de traumas inesquecíveis.

CAPÍTULO 2 – A EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA NO ENSINO DE HISTÓRIA

A Literatura é fundamental para compreender o que ocorreu no tempo fazendo sentido para os homens. Para o historiador francês Roger Chartier (2010, p.21),

> (...) Devemos romper com a atitude espontânea que supõe todos os textos, todas as obras, todos os gêneros, foram compostos, publicados, lidos e recebidos segundo os critérios que caracterizam nossa própria relação com o escrito. Trata-se, portanto, identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidades das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção do sentido.

De acordo com o historiador, todos os textos tem uma intencionalidade e é

escrito para determinado público, dentro de um contexto social e histórico, utilizando uma linguagem que acaba interferindo na apropriação e identificação cultural. Sendo assim, é preciso reconhecer a pluralidade das operações e dos atores envolvidos em toda produção. Outra questão importante para Chartier é de que nos textos literários descobrem uma representação aguda e original os próprios mecanismos que regem a produção e transmissão estética. Isto quer dizer, que a forma como são produzidas e modificadas ao longo do processo, resultam na representação da realidade.

Para Roger Chartier (2010, p.21):

> (...) há uma pluralidade de intervenções implicadas na publicação dos textos. Os autores não escrevem livros, nem mesmo os próprios. Os livros manuscritos ou impressos, são sempre o resultado de múltiplas operações que supõe decisões, técnicas e competências muito diversas.

Essa interferência é real, por mais que o autor escreva de uma forma, com uma estética e estilo dependendo da organização da publicação essa obra acaba sendo
modificada. Então, não são donos de seus livros, dos escritos, pois tecem juntos com outros autores sua produção. Existem uma gama de profissionais que vão dar o parecer final do trabalho.

Ao referir ao uso da literatura, Zeloi Aparecida Martins dos Santos (2007) afirma que a utilização de textos literários ganha maior dimensão quando esses estudos tratam da modernidade. Pois, a experiências favorecem construir um novo conceito de História. No caso da obra literária de Monteiro Lobato, é tratar dos assuntos que norteiam a modernidade, pensando a construção de uma nova narrativa histórica.

2.1 Breve Biografia de Monteiro Lobato

José Bento (Renato) Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, em 1882, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato. Desde criança, Lobato demonstrou amor pela leitura, sendo um admirador de obras como "As Viagens de Gulliver" (1726), de Jonathan Swift. Na fase adulta, ele se interessou pelas obras de Camilo Castelo Branco, José de Alencar, Machado de

Assis e Euclides da Cunha.

Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, em 1904, e exerceu o cargo de Promotor Público em Areias, São Paulo, por sete anos. Sua estreia na literatura ocorreu em 1914, quando publicou seus primeiros contos e artigos no jornal "O Estado de São Paulo", incluindo obras como "Urupês" e "Velha Praga", que foram reunidas em sua primeira obra, chamada "Urupês" (1918).

No ano de 1908, se casou com Maria da Pureza. Com a morte do avô, em 1911, o escritor recebeu como herança algumas terras. Assim, decidiu morar na fazenda do Buquira. Ele passou a ser conhecido quando, em 1914, sua carta “Uma velha praga” foi publicada n’O Estado de S. Paulo. Em seguida, o autor criou o personagem Jeca Tatu.

Como escritor literário, Monteiro Lobato situa-se entre os autores regionalistas do Pré-Modernismo e destaca-se nos gêneros conto e fábula. Morreu em São Paulo em 1948, com 66 anos.

Entre as obras que fizeram a alegria de muitas gerações de crianças no Brasil, podemos destacar: Reinações de Narizinho (1921), O Saci (1921), O Marquês de Rabicó (1922), A Caçada da Onça (1924), Viagem ao Céu (1932), Novas Reinações de Narizinho (1933) e O Picapau Amarelo (1939). Muitas das histórias voltadas aos leitores infantojuvenis desenvolviam-se em um local imaginário, o Sítio do Pica pau Amarelo, habitado pela irreverente boneca Emília, o sentencioso Visconde de Sabugosa, a bondosa e disciplinadora Dona Benta, o Marquês de Rabicó e muitos personagens do folclore e das lendas brasileiras.

Apesar de ser mundialmente reconhecido por suas obras voltadas ao público infantojuvenil, é possível destacarmos importantes obras direcionadas aos leitores adultos, como Cidades Mortas (1919), Negrinha (1920), A Onda Verde (1921), O Macaco que se fez Homem (1923), entre outras.

Monteiro Lobato é reconhecido como um dos grandes escritores da literatura brasileira, tendo dedicado sua vida à criação de histórias infantis que encantaram gerações. Além de ser um renomado contista, ensaísta e tradutor, Lobato também se destacou como político, crítico social e ativista.

Suas obras ultrapassaram fronteiras, sendo comercializadas no exterior e traduzidas para mais de 10 idiomas. O Dia Nacional do Livro Infantil, celebrado em 18 de abril, coincide com o aniversário de Monteiro Lobato, uma justa homenagem

ao autor que escreveu 26 títulos voltados para o público infantil ao longo de sua carreira. Dessa forma, embora as obras de Monteiro Lobato tenham se tornado de domínio público em 1º de janeiro de 2019, conforme anunciado pelo Ministério da Educação (MEC), é importante ressaltar as críticas dirigidas a este escritor e seus escritos por racismo. No entanto, isso não significa que suas obras devem ser banidas ou deixadas de ser discutidas nos espaços escolares. Essas obras estão disponíveis para uso livre, permitindo adaptações, traduções, veiculação, impressão e outras ações, sem a necessidade de autorização prévia do autor ou dos titulares de direitos.

Dessa maneira, discutir as críticas e os contextos raciais presentes em suas obras pode proporcionar uma oportunidade valiosa para a educação crítica e a conscientização sobre questões de diversidade e inclusão.

2.2 O Conto Negrinha

O conto "Negrinha", escrito em 1920, narra a história de uma criança órfã nascida de uma mãe escravizada e que sofre maus-tratos de sua patroa, D. Inácia. O autor busca denunciar a condição e a falsa liberdade experimentada pelas pessoas após a abolição da escravidão em 1888. O Brasil foi o último país da América a abolir a escravidão, e esse processo ocorreu de maneira tardia e gradual.

Antes da promulgação da Lei Áurea, várias outras legislações foram implementadas, como as Leis Eusébio de Queirós, a Lei do Ventre Livre e a Lei dos Sexagenários. No entanto, essas leis não foram suficientes para garantir a plena liberdade dos escravizados e resolver as questões sociais e econômicas advindas da escravidão.

O contexto histórico brasileiro pós-abolição foi marcado por desafios significativos para os ex-escravizados, incluindo a falta de acesso à educação, oportunidades de emprego dignas e igualdade de direitos civis.

Muitos foram deixados à margem da sociedade, enfrentando discriminação e exclusão social, como evidenciado na narrativa de "Negrinha". A obra serve como uma reflexão sobre as sequelas da escravidão e as lutas pela verdadeira emancipação e igualdade no Brasil.

Conforme Gilberto Maringoni (2011),

> (...) a campanha abolicionista, em fins do século XIX, mobilizou vastos setores da sociedade brasileira. No entanto, passado o 13 de maio de 1888, os negros foram abandonados à própria sorte, sem a realização de reformas que os integrassem socialmente. Por trás disso, havia um projeto de modernização conservadora que não tocou no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação.

Foi nesse contexto de pós abolição que Monteiro Lobato desenvolveu o conto. O conto não apenas revela as condições cruéis enfrentadas por uma criança negligenciada, mas também levanta questões sobre preconceito racial, desigualdade social e os horrores do abandono infantil. De acordo com a narrativa do Conto de Monteiro Lobato (2009, p19), Negrinha:

> (...) Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças. (...) Mas, não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva.
> (...) A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

Segundo o historiador, Philippe Ariès, ao desenvolver os estudos sobre as Idades da vida, analisa a importância do nome, sobrenome e idade das pessoas, o que para ele esses mundos fazem parte dos sentimentos de família.

> O nome pertence ao mundo da fantasia, enquanto o sobrenome pertence ao mundo da tradição. A idade a quantidade legalmente mensurável com uma precisão quase de horas, é produto de um outro mundo, o da exatidão e do número. Hoje, nossos hábitos de identidade civil estão ligados ao mesmo tempo a esses três mundos. (Ariès, p.30)

No caso particular do conto “Negrinha”, no enredo, a menina não é reconhecida como pertencente à sociedade brasileira, não tem nome ou sobrenome, é apenas identificada como a filha órfã de uma ex- escrava. A falta de registros, documentos que comprovam sua existência lhe foram negadas. Sua existência, não tem memória. Para Ariés, a história de uma pessoa, está vinculada a da sua família, somente assim pode-se dar vida familiar à história.

Assim, as condições degradantes que vivia Negrinha na casa de D. Inácia, sem dignidade humana, dormindo em lugar precário, escuro e sempre escondida, com medo da patroa. Quando chorava era reprimida com agressões físicas e psicológicas. Muitos eram os sentimentos que acompanhavam Negrinha como a dor,

o medo, a falta de amor, tristeza e o sentimento de não ter uma vida familiar.

No conto Monteiro Lobato escreve:

> O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que imã exerce para o aço. Mão em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se desencarregaria dos fluidos em sua cabeça. (...) (Lobato, 2009. p 20 e 21)

Negrinha era torturada por todos da casa, independente de qualquer motivo, ou seja, sua presença incomodava ao ponto de e ser um prazer atrativo agredí-la. Percebe-se que a violência já se tornara um hábito, onde estava era motivo para receber cascudos, cocres e beliscões. A ausência seria a melhor forma de acalentar os olhares com quem convivia. Mas, infelizmente o *"13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis". (Lobato, 2009. p.21).*

De acordo com Christian Muleka Mwewa, durante uma palestra sobre Literatura e Violência intitulada: "Educação ao Contrário em Negrinha de Monteiro Lobato (1920)", enfatizou-se a relevância de compreender as violências baseadas em características fenotípicas. Ele argumentou que o esclarecimento das pessoas é fundamental para prevenir atitudes racistas e promover o respeito mútuo e a empatia.

O remédio citado por Monteiro Lobato, é a violência exercida sobre Negrinha todos os dias que aliviava D. Inácia das angústias, da loucura. Portanto, a naturalização da maneira de pensar e agir de D. Inácia é praticada cada vez mais com brutalidade, sem empatia, com frieza e com ânsia de querer sempre mais usando de autoridade com crueldade.

> (...) Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela História do ovo quente. (...) Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, como uma colher, tirou da água "pulando" o ovo e zás! Na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. (...) (Lobato, 2009. p. 22).

A insensibilidade narrada nas entrelinhas nos leva a viajar por situações dramáticas, perceber a inocência de Negrinha, está na fase de brincar, como criança

que era, “abrir a boca, como o cuco” significava o momento alegre e divertido, portanto acreditava na falsa ilusão que podia ser inserida na família de D. Inácia e receber carinho, interagir e ser livre.

Ao retratar essa situação contra Negrinha, Monteiro Lobato denuncia a violência contra a criança, pois naquele período ainda não havia uma defesa legalizada contra as maldades sofridas. Hoje, temos o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Conselho tutelar, mas será que nossas crianças realmente são protegidas, cuidadas? Essa narrativa nos alerta aos devidos cuidados que as crianças necessitam ter, serem tratadas com respeito, dignidade.

> Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas. (...) Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. (Lobato, 2009. p.22)

O trecho acima deixa claro a desigualdade entre a vida de Negrinha e as sobrinhas de D. Inácia, principalmente ao ressaltar as características físicas das sobrinhas. Enquanto as sobrinhas são criadas com regalias, luxo, negrinha vivia nos cantos, sem cuidados.

As crianças precisam de uma vida saudável, ambiente harmonioso e envolvente pelos cuidadores. Necessitam de brincadeiras, diversão, amizades com o intuito de auto descobrirem e descobrirem o mundo. Segundo o historiador Ariès, às brincadeiras fizeram parte do cotidiano das crianças no século XVI e XVIII, e entre os brinquedos tinham o cavalinho de pau, catavento e o pião. Conforme a criança ia desenvolvendo mudava-se os brinquedos, no caso citado por ele, Luís XIII, com um ano e meio ganhou um violino, jogava malha, percebe-se a precocidade na educação dos meninos. Com dois anos e sete meses ganha uma pequena carruagem cheia de bonecas.

Ao relacionar essa ideia de Ariés, podemos dizer que as sobrinhas representa esse mundo nobre defendido por Ariés, em que as crianças vão crescendo e buscando refinar seu comportamento. Enquanto que Negrinha não sabe o que é brincar, sua idade mostra uma falsa infância, a mudança vai ser constituída a partir do momento que a menina tem contato com o brinquedo. É nesse momento que negrinha inicia a fase de memória do que é ser criança.

> Brinquem! Brincar ! como seria bom brincar!- refletiu com suas

> lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincava em imaginação como cuco.
> Chegaram as malas e logo;
> - Meus brinquedos! – reclamaram as duas meninas. Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.
> Que maravilha! Um cavalo de pau!...Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos...que falava "mamã"...que dormia. (Lobato, 2009. p 23).

A personagem de Monteiro Lobato, até a chegada das sobrinhas de D. Inácia não tinha experimentado o que era brincar, não conhecia os brinquedos, tudo era novidade, coisa de outro mundo. Tanto que Negrinha arregalou os olhos... Algo interessante de destacar que os brinquedos representavam o mundo adulto nos objetos, a boneca falava, dormia, apresentava características humanas.

> Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessava de ser coisa – e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!
> Assim foi – essa consciência a matou. (Lobato, 2009. p 25)

Segundo Monteiro Lobato, Negrinha sente-se humana, ao brincar com uma boneca. A boneca que foi trazida pelas duas sobrinhas, "*lindas meninas, louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas" (Lobato, 2009. p.22).* Dessa maneira, deixa claro o momento em que Negrinha toma consciência de que não é coisa, que era tratada com indiferença, desprezada pelos considerados humanos. Por isso, essa consciência de Negrinha a mata. Afinal até quando poderá brincar com a boneca? E quando as sobrinhas fossem embora, como seria sua vida? Aquele momento era deslumbrante, mas temido por Negrinha.

> Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Não voltou a si Negrinha. Sentia- se outra,, inteiramente transformada. (...). Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. (...) A terra papou com
> indiferença aquela carnezinha de terceira – uma miséria, trinta quilos, mal pesados (...) (Lobato, 2009. p 26)

Ao examinar a citação acima, é evidente a percepção das condições de morte de Negrinha, retratada como uma figura abandonada, equiparada a um animal sem dono, desprovida de pertencimento e negada em sua essência. A maneira como

Monteiro Lobato aborda essa temática é o aspecto cativante deste conto. Negrinha simboliza a memória e as vozes silenciadas, revelando a arrogância, a dominação e a negação da existência do outro. O que não é negado é a "libertação do eu" de Negrinha.

De acordo com o historiador Ailton Morelli (2021), no texto “O papel do espaço nas Memórias”, a importância dada pelas crianças aos espaços que lembram algum prazer ganham imaginação contorno quase mágicos, principalmente quando relatam esses momentos. Isso nos leva a pensar Monteiro Lobato relata esse momento único de Negrinha, sentindo prazer em brincar, ter liberdade, ter contato com pessoas da mesma faixa etária, que marcaram a memória de Negrinha.

CAPÍTULO 3 – QUESTIONÁRIOS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Diante dos desafios enfrentados no contexto educacional, surge a constante preocupação com o desenvolvimento das habilidades dos estudantes, especialmente no que diz respeito à leitura. Nesse sentido, o corpo docente busca, por meio de suas metodologias, promover diálogos sobre a relevância do hábito de leitura, visando gradualmente integrar um maior número de estudantes ao grupo dos leitores assíduos. Assim, foram realizados levantamentos de dados com questionários aplicados aos estudantes de um colégio X, turmas 9 ano A do Ensino Fundamental e 2 ano A do Ensino Médio com o intuito de avaliar a prática de leitura e sua relevância no cotidiano dos alunos.

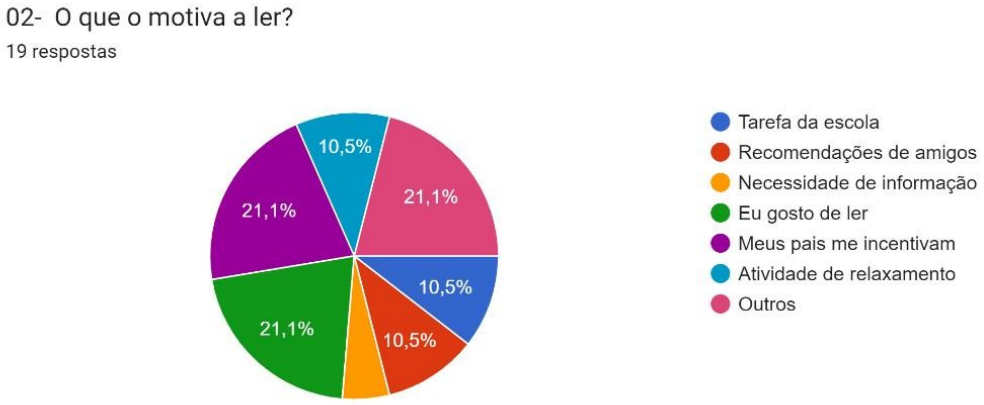
3.1 Dados do questionário no Ensino Fundamental em 2022

O questionário foi composto de nove questões, com a finalidade de conhecer sobre os hábitos de leituras, visitas a bibliotecas, empréstimos de livros. A primeira questão estava relacionada a quantidade de livros que cada estudante leu. O objetivo foi saber se estudante leem no cotidiano obras literárias, sem ser orientado por uma instituição, professor.

Analisando os gráficos 1 e 2, é evidente que a maioria dos estudantes leu entre três e cinco livros de diferentes tipos de obras. No gráfico, o item nenhum (cor roxo) não foi selecionado pelo estudante, portanto não apareceu na legenda. Na

segunda questão sobre as motivações para a leitura, destaca-se que a maioria dos estudantes é incentivada pela família e possui um interesse genuíno pela leitura.

Dessa forma, podemos desmitificar as supostas falas de que as famílias não incentivam o hábito da leitura e também nos faz refletir sobre como os textos e documentos históricos que utilizamos em nossas aulas são essenciais para a formação intelectual. As indicações de leitura devem ser instigadas nas aulas, se possível apresentadas aos estudantes.



Em relação à prática de leitura por meio da realização de tarefas, os dados do gráfico 2 indicam que o índice é considerado baixo. Isto quer dizer que o hábito de fazer tarefas ficam a desejar, o que prejudica o processo de ensino-aprendizagem de nossos alunos. É comum, que os professores orientarem a revisão de conteúdos, leituras e resoluções de exercícios, com o objetivo de esclarecer dúvidas e auxiliar no aprendizado dos estudantes.

É muito importante ressaltar, que os dados questionados nos gráficos são fundamentais para o ensino de História, pois todos eles devem estar interconectados para a formação intelectual dos estudantes, são partes integrantes de um processo de aprendizado contínuo que contribui para o desenvolvimento do conhecimento histórico e crítico dos alunos.

Na terceira questão, foi solicitado que escrevessem os nomes dos livros que já leram. Nesta questão, observa-se uma diversidade de títulos, sendo “Diário de um banana”, o mais comum entre eles. Outros livros citados por eles são: “10 dias para ser feliz”, “20.000 léguas submarinas”, “A vida de um marinheiro”; “O pequeno príncipe”; “Crônicas de Nárnia”, “Percy Jackson”; “A bela adormecida”, “Cinderela”, entre outros. Essa variedade de obras demonstra os diferentes interesses e experiências de leitura dos estudantes.

Na quarta questão, os alunos foram questionados sobre os tipos de livros que preferem ler.

No gráfico, percebemos que os tipos mais preferidos foram livros de aventuras e mistério, seguidos por ficção, fantasia, história em quadrinhos e outros. Com esse resultado, podemos observar a associação desses tipos de livros com o prazer e a fantasia, o que nos permite selecionar leituras que enfatizam essas características para trabalhar com os alunos. No caso de temas relacionados à

História, podemos explorar essas perspectivas em conjunto com outras áreas das ciências humanas.

Vale ressaltar que o conto é uma forma de ficção que cria um cenário de fantasia, apresentando enredos, personagens, pontos de vista e narrativas curtas. Dessa forma, integrar contos e outras formas de narrativa pode enriquecer a experiência de leitura dos estudantes e estimular sua imaginação e interesse pela história e pela literatura.

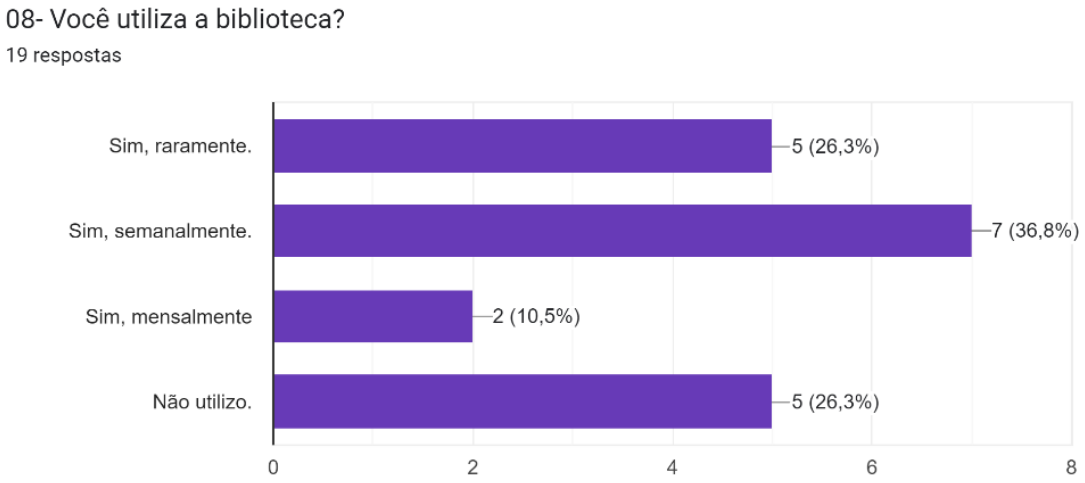
Na quinta questão os estudantes deveriam responder: Qual o seu livro favorito e por quê? O livro mais escolhido foi: “Diário de um banana”, de Jeff Kinney. Segundo eles, a narrativa é engraçada e interessante. Acredita-se que, por se tratar de um adolescente, eles se identificaram mais com a leitura, especialmente com as situações vivenciadas pelo protagonista, inclusive no ambiente escolar. Essa identificação com o personagem e as experiências narradas pode contribuir significativamente para o engajamento dos alunos nas aulas.

Na sexta questão, os alunos deveriam responder se concordam que o uso da Literatura/produções literárias podem contribuir para o Ensino de História. A intenção desse questionamento é utilizar as obras literárias como fonte nas aulas de História, e promover a interdisciplinariedade com outras áreas, incluindo a Língua Portuguesa.

Como podemos observar no gráfico, 78.9% confirmaram que o uso de obras literárias podem contribuir muito com o ensino de História, desenvolvendo habilidades de leitura, interpretação e expressão oral e escrita.

Para complementar a questão anterior, foi perguntado de que forma o uso da Literatura/produções literárias podem contribuir para a vida deles. A resposta condiz com a pergunta anterior, pois afirmam que ajudam a conhecer palavras novas, informações, conhecimentos, cultura, senso crítico. Ainda, destacaram que todas essas contribuições dependem do tipo de literatura que são oportunizadas pelos docentes.

Na questão 8, foi questionado se os alunos utilizam a biblioteca da escola. Constatou-se que a maioria deles frequenta esse espaço. No entanto, ainda há um grande trabalho a ser feito pelo corpo diretivo, pedagógico e docente da escola para aumentar o interesse e a funcionalidade desse ambiente.



Essa constatação sugere que os alunos reconhecem a importância da biblioteca como um recurso para pesquisa, leitura e aprendizado, mas também indica que há oportunidades para melhorar e enriquecer a experiência dos estudantes nesse ambiente. Isso pode envolver iniciativas como a promoção de atividades culturais, expansão do acervo, melhoria da infraestrutura, incentivo à leitura e integração da biblioteca com as práticas pedagógicas da escola.

E para comprovar a importância da leitura e usufruir do espaço dentro da escola foi questionado quantos livros eles costumam emprestar da biblioteca por mês (questão 9), a resposta é que metade deles emprestam de um a dois livros por mês. Aos nossos olhos podem ser poucos livros, mas o entusiasmo em vê-los selecionar a obra que querem ler é fantástica. Durante uma aula, presenciei alunos

com livros que havia indicado para ajudar a compreender temas que seriam trabalhados durante o ano letivo.

Os dados obtidos na pesquisa destacam a importância de favorecer o acesso dos estudantes à leitura, à biblioteca, e o contato com o livro. Essa prática, vai aos poucos transformando os hábitos e comportamentos dos alunos, colaborando para preservação do patrimônio cultural e do conhecimento. Diante das inovações tecnológicas, o acesso ebooks está cada vez mais presente na vida dos nossos estudantes. Portanto, é preciso incentivar a leitura e interdisciplinaridade, principalmente no Ensino de História que busca essa leitura nas fontes históricas para manter viva a memória.

Ao promover o acesso à leitura e ao conhecimento, seja por meio de livros físicos ou e-books, estamos capacitando os estudantes a explorar diferentes perspectivas, a ampliar sua compreensão do mundo e a se tornarem cidadãos críticos e informados. Essa é uma contribuição valiosa para o desenvolvimento educacional e cultural de nossa sociedade.

3.2 Dados do questionário do Ensino Médio em 2022

Para dar continuidade na pesquisa, também foi aplicado o questionário aos estudantes da turma do 2 ano A do Ensino Médio. Essa turma não faz parte ainda do Novo Ensino Médio (NEM), pois a implementação ocorreu somente com as turmas dos primeiros anos. Na primeira questão, a quantidade de livros que a maioria dos estudantes leram foi de três a cinco livros. E todos leram algum livro durante esse período escolar. Em relação à turma de 9 ano, percebe-se que

aumentaram os leitores.

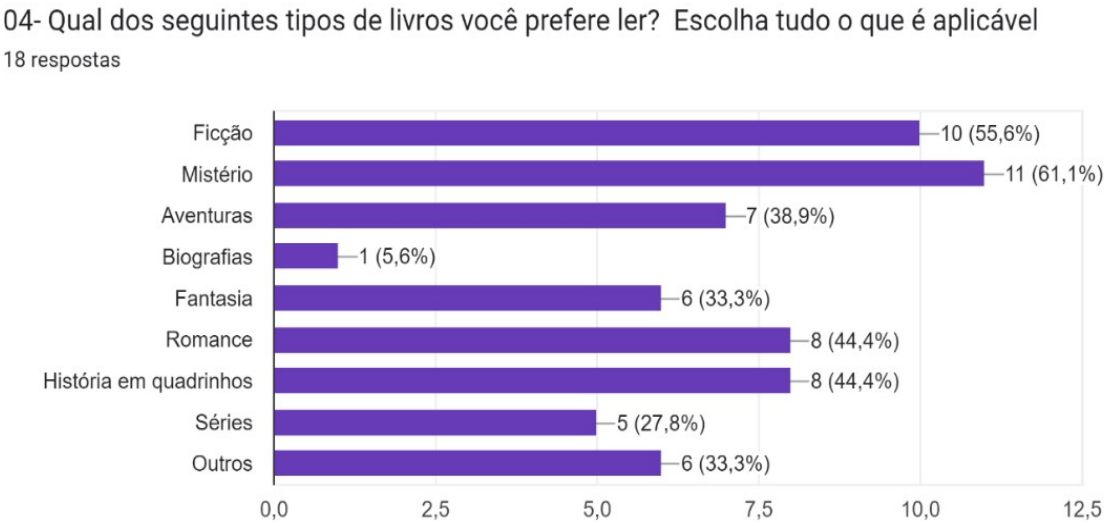
A análise dos dados da segunda questão revela que a necessidade de informação e outros interesses são as principais motivações dos estudantes para a leitura, com 11,1% cada. A prática de leitura e a atividade de leitura como relaxamento também estão empatadas, com o mesmo percentual.

Por outro lado, a leitura por meio de tarefas da escola e recomendações de amigos apresentaram índices baixos. Isso levanta duas possíveis hipóteses: em primeiro lugar, os professores podem não estar encaminhando tarefas de leitura como parte da rotina de estudos; em segundo lugar, os estudantes podem não estar realizando as tarefas devido à falta de hábito ou motivação.

Esses dados sugerem que, apesar das recomendações de leitura feitas pelos docentes durante as aulas, os estudantes podem não estar desenvolvendo o hábito de leitura ou não percebem a importância das tarefas de leitura para o seu aprendizado. Isso destaca a necessidade de os educadores refletirem sobre suas práticas pedagógicas e buscarem estratégias mais eficazes para promover a leitura entre os alunos, tornando-a mais significativa e integrada ao processo de ensino-aprendizagem.

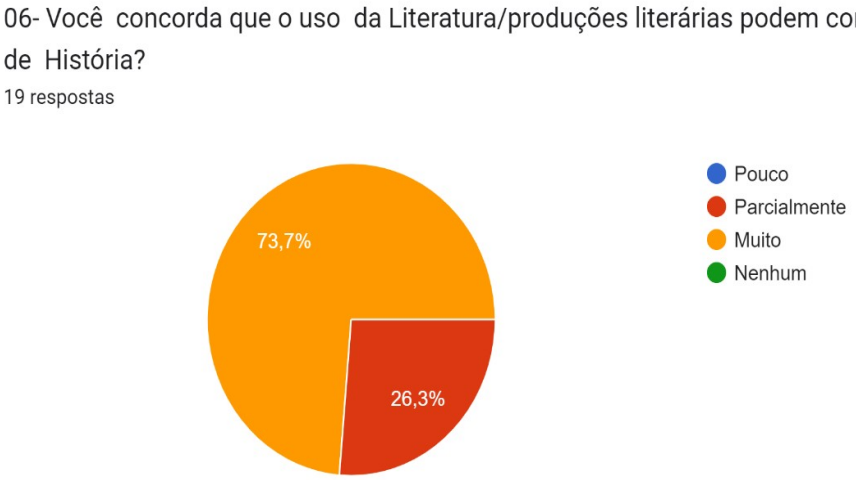
Na terceira questão, observa-se uma diversidade de leituras entre os estudantes, com títulos como "O Pequeno Príncipe", "Harry Potter", "Percy Jackson", "O Diário de Anne Frank", "O Diário de um Banana", "Poemas", entre outros.

As leituras que se referem a ficção e mistério, são as mais lidas pelos estudantes. Em seguida romance e História em quadrinhos.



Ao perguntar se as produções literárias contribuem com o ensino de História, os estudantes responderam: 73, 7% contribuem muito para o Ensino de História. Outros responderam que parcialmente há uma contribuição com o Ensino de história.

Esse dado nos chama atenção sobre a importância de sugerir outras leituras e obras literárias nas aulas. Além disso, essa tarefa não cabe somente à disciplina de História, mas a todas as disciplinas da grade curricular.



As respostas dos estudantes na questão 7, destacando que a literatura contribui não apenas para o ensino de História, mas também para suas vidas ao ampliar o conhecimento, a criatividade e inovações de conceitos, oferecem insights

valiosos sobre a importância da literatura em suas experiências educacionais e pessoais.

07- De que forma o o uso da Literatura/produções literárias podem contribuir para a sua vida? 19 respostas

A literatura contribui com o conhecimento, através dela podemos aprender fatos históricos e estimular a nossa criatividade.

Ela pode contribuir para meu conhecimento, tudo o q eu sei eu posso saber muito maisapenas lendo

Para me ajudar a procurar informações

entretenimento e conhecimentos

Acho que muitas coisas, com aperfeiçoamento de sua escrita, ensinamento e sem contar a diversão

Ajudam a adquirir conhecimento, ajudam a ler e escrever melhor, etc. Geram conhecimento

Elas nos traz conhecimentos, nos ensina a pensar, nos motiva a buscar soluções para um futuro

melhor para todos

não vejo uma forma muito clara

Dependendo do livro podemos adquirir conhecimentos em assuntos diversos, e o uso da

Literatura em geral seria o melhor conhecimento do português .

Podem contribuir para escrita, aperfeiçoamento de leitura, aprender mas informações.

No vocabulário, interpretação de texto e imaginação.

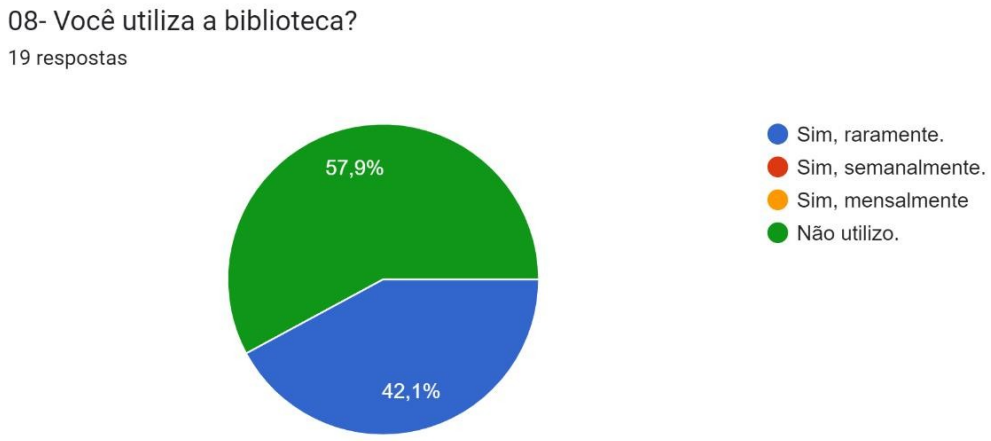
No conhecimento Sim

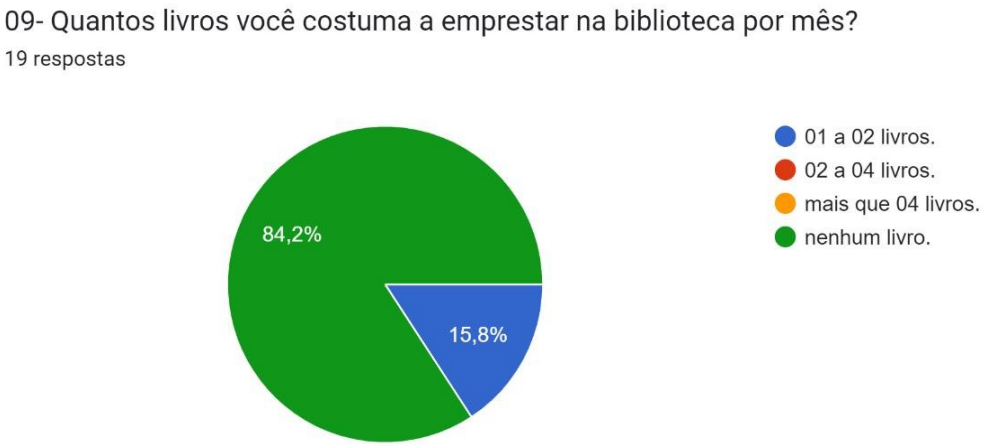
Com o aprendizado, interpretação

Me ensina ler e escrever e saber o que aconteceu no passado

Ao analisar os gráficos das questões oito e nove, verificamos que a maioria dos estudantes do Ensino Médio, não acessam a Biblioteca e nem emprestam livros. No entanto, eles têm consciência de que a biblioteca faz parte do espaço escolar, do conhecimento, da memória. Reconhecem que existem outros espaços construtores

do saber. Embora os estudantes reconheçam sua importância, parece haver uma lacuna entre a percepção e a prática em relação ao acesso e ao uso da biblioteca.





A análise das turmas revela algumas diferenças significativas entre os alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio no que diz respeito ao uso da biblioteca da escola e aos hábitos de leitura.

No caso dos alunos do Ensino Fundamental, observa-se que eles ainda frequentam a biblioteca da escola, emprestam livros e compartilham recomendações de leituras com seus colegas. Existe uma rotatividade na utilização do espaço da biblioteca que contribui para o aprendizado dos estudantes. Além disso, dependendo da disciplina e da metodologia utilizada, os alunos do Ensino Fundamental podem acabar por fazer mais empréstimos de livros, buscando temas e assuntos que os interessam.

Por outro lado, os estudantes do Ensino Médio, embora apresentem índices

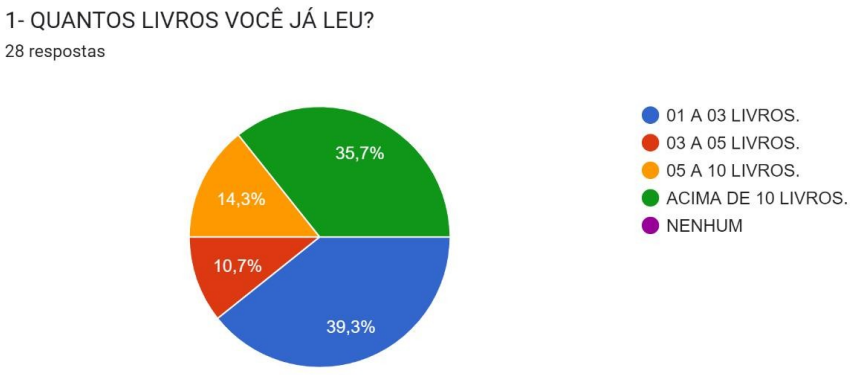
de leitura satisfatórios, não fazem tanto uso da biblioteca da escola como os alunos do Ensino Fundamental. Suas leituras estão mais relacionadas com as novas tecnologias e o hábito de leitura virtual. Para eles, é importante acompanhar o que o mundo contemporâneo tem de mais moderno, e muitas vezes encontram as informações necessárias para seus estudos e pesquisas nas palmas de suas mãos, por meio de dispositivos eletrônicos.

No entanto, apesar dessas diferenças, o que ambos os grupos de alunos têm em comum é o hábito de leitura e a busca por transformações intelectuais e pelo aprimoramento do conhecimento. Não é necessário anular uma prática em detrimento da outra, mas sim complementá-las. Mesmo que os estudantes realizem suas leituras em outros espaços, por meio de dispositivos eletrônicos, é importante apresentar e valorizar o espaço da biblioteca, pois ele preserva a memória e oferece um ambiente propício para a descoberta, a reflexão e o aprendizado.

3.3 **Dados do questionário no Ensino Fundamental em 2023**

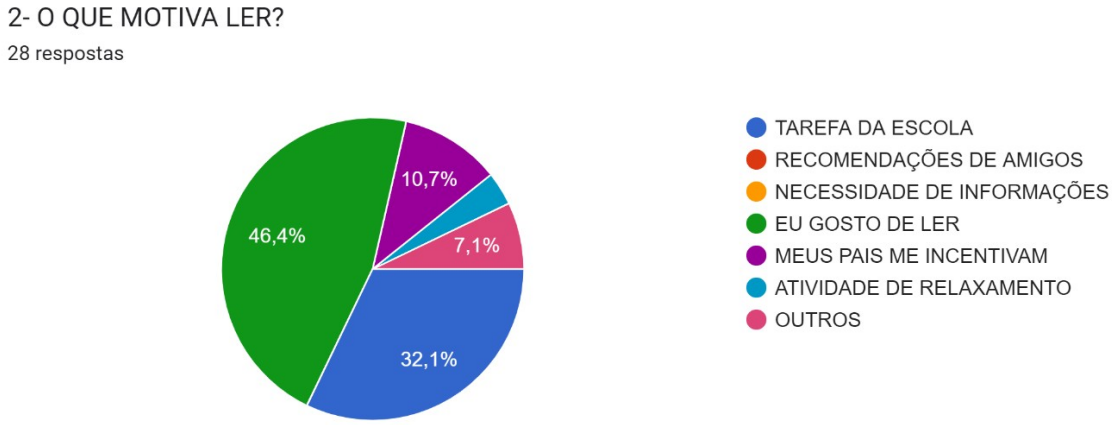
Os dados a seguir referem as respostas dos questionamentos realizados no colégio Y turma de 9 ano, onde também foi implementada a prática da aula oficina. Em relação às questões, foram utilizadas as mesmas questões aplicadas no colégio X, porém as duas últimas foram acrescentadas, devido à criação da plataforma *Leia Paraná.*

O gráfico da questão 1 apresenta a porcentagem de livros que os estudantes leram, é interessante notar que em relação aos dados do gráficos anteriores, a maioria dos estudantes pesquisados praticam o hábito da leitura.



Na questão 2, 46,4% dos estudantes praticam a leitura por interesse próprio, enquanto 32,1% leem devido a realização de tarefas. Esses dados sugerem que os

estudantes do Colégio Y desenvolvem mais a habilidade de leitura por iniciativa própria do que os estudantes do mesmo ano do Colégio X.

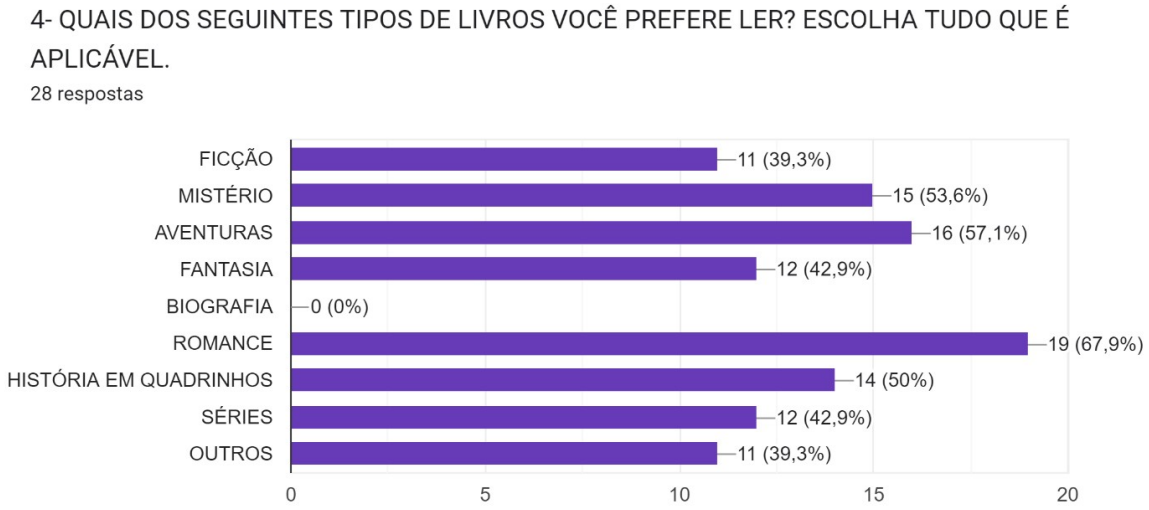


Já nas questões 3 e 4, percebemos as variedades de livros selecionados e lidos pelos entrevistados. As histórias de amor, de aventura e de mistério são os tipos que mais preferem ler. Essa busca por amor, felicidade, magia, sonhos e desafios são temas que despertam interesses e debates.

3- ESCREVA O(S) NOME(S) DO(S) LIVRO(S) QUE VOCÊ JÁ LEU? 28 respostas

No fundo dos teus olhos
Magnus Chase e os Deuses de Asgard, Trilogia a Bússola de Ouro, Harry Potter, Maze Runner
Correr ou Morrer, Battlefield cap.5, Need For Speed o livro, entre outros
Diários do vampiro, fadas de dreamdark, estrelas tortas e CoralineNo
fundo dos teus olhos
Para todos garotos q já amei, diário de um banana e até a próxima vida
Estrelas tortas , o pequeno príncipe ect
Coraline, diário de um banana, diários do vampiro, fadas de dreamdark e estrelas tortas

Face oculta
Turma da monica jovem, diario de um banana , marley e eu , a marca do demonio , branca de neve e os sete anões, rapunzel, cine gibi , atraves de mi ventana
Diario de um Banana , de volta aos quinze, a marca do demônio, turma da monica jovem , cine gibi , atravies de mi ventana
Não lembro.
"Vermelho, Branco Sangue Azul", "os sete maridos de Evelyn Hugo", "Heartstopper"nao lembro
Os três porquinho
Gato preto, historias extraordinárias, fuja coelhinho fuja
Mais lindo que a lua, fica entre nós , o pequeno Príncipe
Caroline, só lembro desse
Vermelho, Branco e Sangue Azul; Os Sete maridos de Evelyn Hugo; É assim que acaba; É assim que começa; Heartstopper; Gato preto; Laço entre espinhos e rosas; Amor e gelato
Diario de um banana, malala, face oculta
Gato preto, a máscara da morte rubra,fuja fuja coelhinho
O lobo branco e a caça do tesouro
O pequeno príncipe, anne de green gables, estrelas tortas
Diário de banana filhos de Éden



Já na questão 5, os estudantes citaram os nomes de obras que mais gostaram de ler. Livros como “O Pequeno Príncipe”, “Diário de um banana”, estão presentes tanto na relação dos entrevistados do colégio X como do colégio Y.

Os livros “Coraline”, “Vermelho, Branco e Sangue Azul” , “De volta aos Quinze” foram livros escolhidos por mais de dois estudantes na turma do colégio Y. Isso sugere que, à medida que os alunos vão lendo esses livros, eles os indicam

para seus colegas, criando assim um ciclo de recomendações e compartilhamento de obras.

Outro ponto interessante a se observar é que os estudantes, ao assistirem filmes e/ou séries, muitas vezes, procuram ler os livros relacionados. Essa prática demonstra um interesse em desenvolver a capacidade de analisar as obras em diferentes formatos e suas produções, além de permitir comparações e absorção mais aprofundada das histórias.

Ao ler os livros que inspiraram os filmes ou séries, os estudantes têm a oportunidade de explorar os detalhes da trama, desenvolvimento dos personagens e contextos que podem não ter sido totalmente explorados nas produções audiovisuais. Isso também estimula a imaginação, permitindo que cada leitor crie sua própria interpretação das histórias.

Além disso, ao comparar os livros com suas adaptações cinematográficas, os estudantes podem desenvolver habilidades críticas, analisando as escolhas feitas pelos cineastas e refletindo sobre como os elementos da história são apresentados em diferentes mídias.

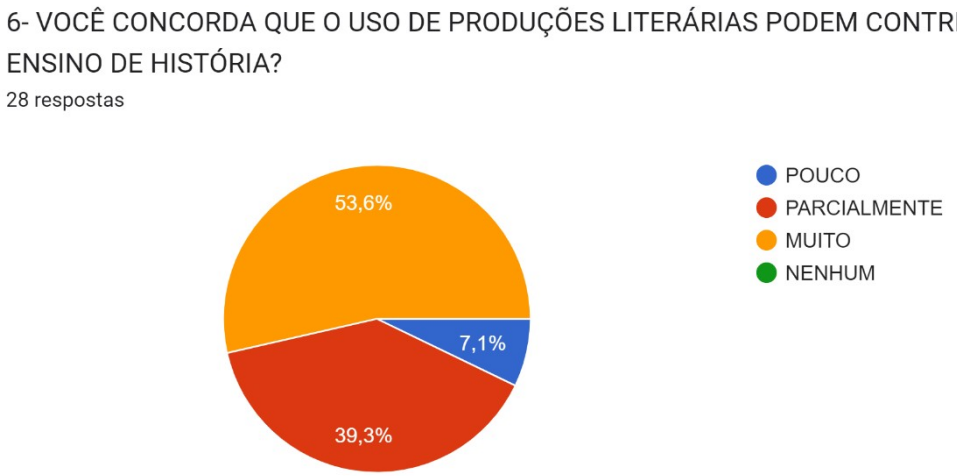
5-QUAL SEU LIVRO FAVORITO E POR QUÊ? 28 respostas

Menino maluquinho:e um livro de aventura
Magnus Chase e os Deuses de Asgard, pois é um livro muito bacsna, uma historia leve, mas ao mesmo tempo cheio de problemas, coisas boas, mas o personagem principal soube lidar facilmente
Meu livro favorito é Coraline, porquê o livro é muito mais diferente que o filme traz mais aventura.
Menino maluquinho,por causa que um menino tem uma infância cheia de aventura Para todos garotos q já amei
Pequeno príncipe, por que eu achei o livro muito interresante

Coraline, porquê eu achei bem interessante do que o filme
A Cabana, pois é um livro bom, me motivou pra varias coisas
Nenhum
Gato preto, pq eu gosto de livors de terror/horror
Mágico de oz
Vermelho, Branco e Sangue Azul, esse é meu livro favorito, pois me identifico com algumas situações e alguns personagens, a história é cativante e o livro é muito bem escrito.
Face oculta
Meu livro favorito é o livro "de volta aos 15 " ele é baseado numa serie , que conta que uma mulher foi ver seus antigos viddos e de uma forma inexplicável voltou aos seus 15 anos e ela podia fazer seu proprio futuro de uma forma diferente
"De volta aos quinze " porque ele conta a historia de uma mulher que volta ao passado depois de assistir seu video na adolescência!!

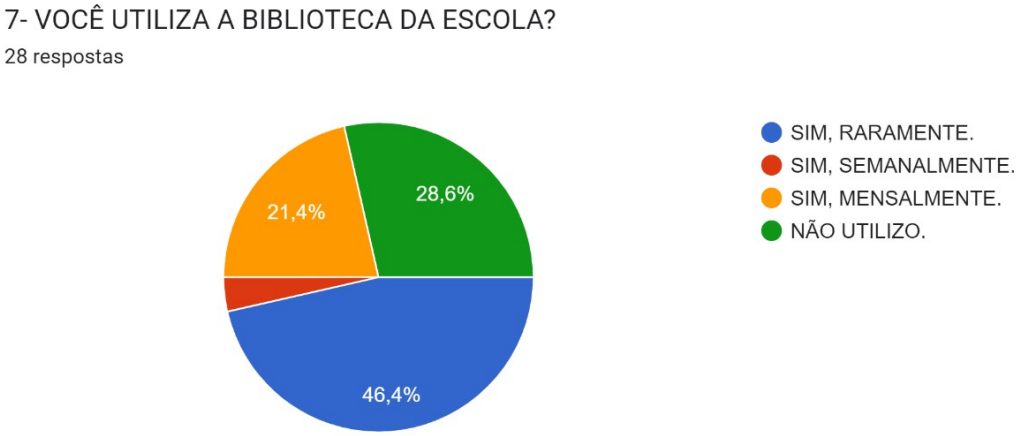
Não lembro
"Vermelho, Branco e Sangue Azul", eu me identifico com algumas situações e personagens, a história é impecável e muito cativante
nao sei
Diario de banana
Gato preto, pq eu gosto dos livros desse autor
Mais lindo que a lua, muito bom de ler, tem um final muito feliz a maioria dos livros de romance que leio tem final triste pra mim que gosto de escreve fanfic esse livro me ajudo aacha um final para minha fanfic que estou escrevendo.
estrelas tortas, não é um mundo de maravilhas
Vermelho, Branco e Sangue Azul; a história é cativante, eu me identifico com algumas situações e personagens
A máscara da morte rubra, porque eu gostei da história e do autor
Gato preto, gosto do autor e da história do livro tbm
Caça do tesouro, q se trata de várias aventuras em busca de um tesouro q é procurado amuito tempo
Anne green gables, pq gostei muito da serie e resolvir ler o livro
Filhos de eden pq é de uma cidade perdida e eu gosto desse tipo de livros

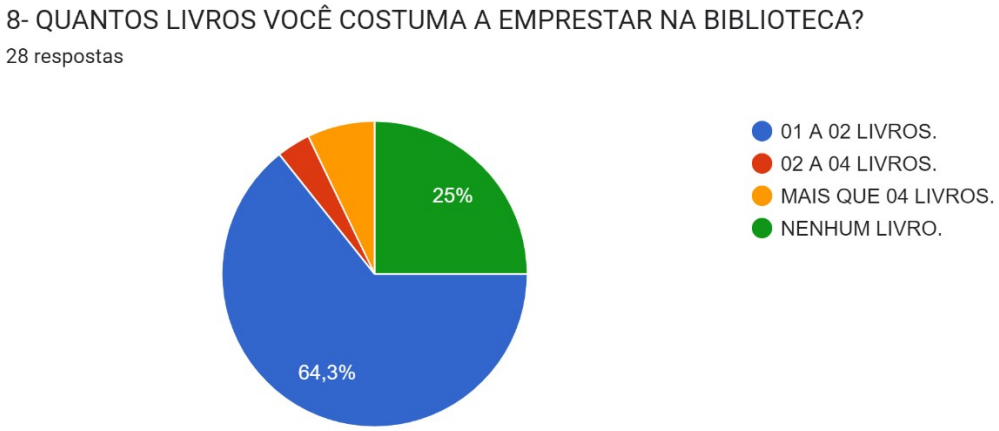
A questão 6 questionou sobre a contribuição de obras literárias para o ensino de História, a maioria de nossos estudantes concordaram que é muito importante estar utilizando as obras nas aulas de História, pois nos convida a pensar e por em prática o conhecimento que os estudantes construíram ao longo do período. Também, pedagogicamente uma maneia de estar interagindo com outras áreas afins.



Em relação ao uso da biblioteca da escola os estudantes responderam que raramente fazem uso da biblioteca. Isso nos leva a questionar por que esses

estudantes do colégio Y raramente vão à biblioteca e os do colégio X vão mais vezes? Será que esse espaço está ficando esquecido dentro escola? O que poderia se fazer para que os estudantes mesmo em meio a tantos recursos tecnológicos utilizassem o espaço escolar e empréstimos de livros?

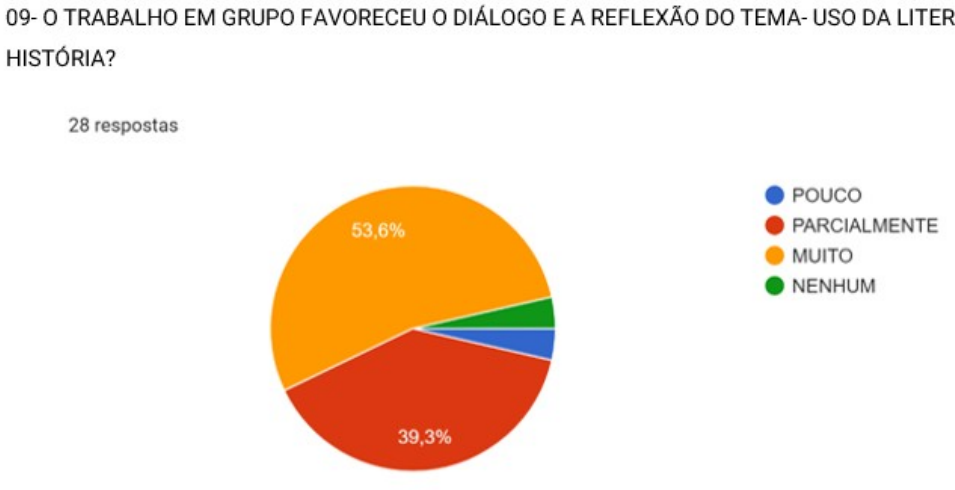




Na pergunta 09, foi questionado sobre a experiência durante a aula com a literatura na História, 53,6% responderam que consideraram a experiência durante a aulas como “muito significativa” e 39,3% ficaram parcialmente satisfeitos com a prática realizada.

Esses resultados sugerem que a integração da literatura nas aulas de História teve uma recepção predominantemente positiva, com uma parcela considerável dos alunos reconhecendo seu valor. Isso pode indicar que o uso da literatura como recurso pedagógico foi eficaz em engajar os alunos, enriquecer o conteúdo histórico e estimular reflexões mais profundas sobre os contextos históricos e as experiências

humanas associadas a eles.



Na questão 10, percebe-se que a maioria dos alunos experimentaram de maneira positiva o uso da literatura durante às aulas de História. Quando nos referimos a trabalhos em grupos, demonstra-se não apenas o envolvimento dos alunos, mas também a eficácia da atividade em promover a colaboração, o pensamento crítico e a compreensão mais profunda do conteúdo histórico por meio da leitura que foi proporcionada.

10- RELATE SUA EXPERIÊNCIA SOBRE A ATIVIDADE PROPOSTA PELA PROFESSORA REFERENTE O USO DA LITERATURA NO ENSINO DE HISTÓRIA. 28 respostas.

O uso da literatura ajuda muito a aprender e discutir sobre o assunto
Foi uma experiência muito bacana, fez a sala trabalhar em um conjunto, como se fossem engrenagens de um instrumento, ou ate mesmo uma orquestra sinfônica
Minha experiência que eu achei bem interessante sobre isso.
E bom ter a literatura que aprendemos mais discutimos sobre o assuntoEu amei a experiência e o aprendizado
Foi muito bom ela passa aquele livro
Achei bem legal até agora.
Acho bom. Desenvolve a leitura, e contribui para o aprendizado
.
Eu achei a proposta legal, e meio difícil de fazer porém e bom
Foi boa
Boa
Legal
Achei muito bom , o conto negrinha é bem interessanteGostei muito o conto negrinha é bem interessante
Boa.
Muito boa, praticar o diálogo com minha equipe fez com que aprendemos de forma mais fácil, além de ter tornado muito mais divertido

Facilitou o entendimento do assunto
Foi bom passar o conto junto com o conteúdo do momento
Foi um bom conto pra utilizar na aula junto com o conteúdo- movimentos sociais
Com o uso do conto negrinha de Monteiro Lobato, fez refletir o quão doloroso é ser negro, sendo escravo apanhando todo santo dia, e ainda mais q quase hoje em dia, essa ação é usada
Achei muito interessante pq ajuda no aprendizado de leitura também
Foi muito legal

Legal
Sim
É bom pra incentivar a leitura, e auxiliar o ensino da história.
Eu gostei bastante ainda mais eu que gosto muito de ler, gosto de crio cenários imagina as cenas contada na história.
nada a falar

Destacamos a resposta de um dos estudantes: *“Foi uma experiência muito bacana, fez a sala trabalhar em conjunto, como fossem engrenagens de um instrumento, ou até orquestra sinfônica”*. Nesta escrita verificamos que a experiência funcionou de forma harmoniosa e integrada. Quando os estudantes trabalham juntos com “engrenagens” ou membros de uma orquestra, cada um desempenha um papel importante e contribui para o todo de maneira significativa.

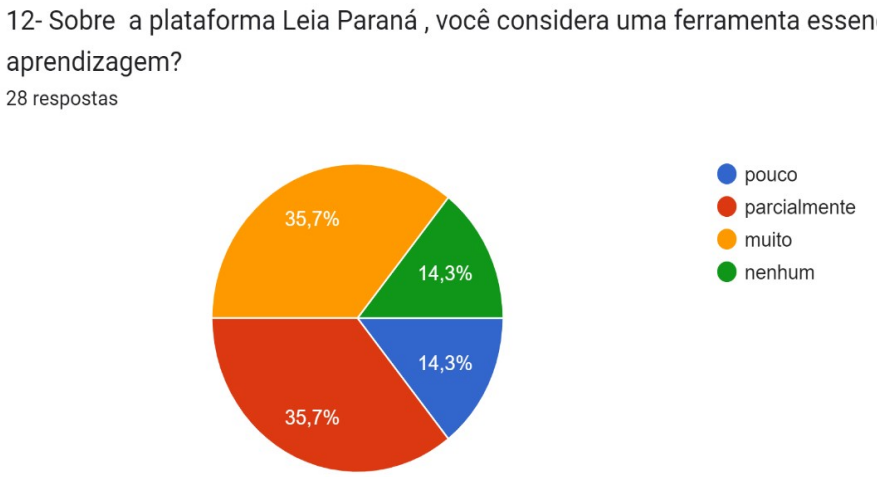
Em outra resposta, temos: *“Eu gostei bastante ainda mais eu que gosto muito de ler, gosto de crio cenários imagina as cenas contada na história”.* A leitura está intrinsecamente ligada à imaginação, pois permite criar representações mentais das cenas e narrativas apresentadas.

Em contrapartida, um estudante escreveu *“nada a falar”,* isto sugere uma falta de engajamento ou até mesmo desinteresse. É possível que esse aluno não tenha encontrado aspectos significativos ou relevantes para comentar sobre sua experiência com a literatura durante as aulas de História, ou simplesmente optou por não compartilhar seus pensamentos.

De acordo com as respostas dos estudantes, outro escreveu *“Foi muito bom passar o conto junto com o conteúdo do momento”* , analisamos que o plano de aula e a metodologia escolhida é essencial para o entendimento do conteúdo. Na disciplina de História, o conto foi utilizada como fonte para compreender o conteúdo (a vida dos negros após abolição).

Na escrita a seguir, observamos a reflexão crítica do estudante, demonstrando a habilidade de reconhecer ações que afetam as pessoas atualmente como a exploração infantil, a violência, a discriminação e o racismo. *“Com o uso do conto negrinha de Monteiro Lobato, fez refletir o quão doloroso é ser negro, sendo escravizado apanhando todo santo dia, e ainda mais quase hoje em dia, essa ação é usada”.*

No Estado do Paraná, a plataforma Leia Paraná foi recentemente implantada, representando uma inovação tecnológica. Contudo, surgiram questionamentos sobre sua utilização pelos estudantes e sua contribuição educacional. De acordo com os dados de entrevistas realizadas, a plataforma é percebida de forma positiva no processo de ensino-aprendizagem. Alguns dos livros mencionados pelos entrevistados estão disponíveis na plataforma. Entretanto, há opiniões que consideram sua importância de forma parcial, levantando questões sobre a necessidade dessa tecnologia e seu impacto no espaço físico das bibliotecas.



É válido questionar como essa mudança afeta o papel tradicional das bibliotecas. Como podemos manter a conexão entre os estudantes e os livros físicos? Existe o receio de que as bibliotecas sejam esquecidas ou que seu espaço seja substituído por outros departamentos. É crucial pensar e discutir essas transformações, considerando-as uma prioridade no ambiente escolar.

Assim, é necessário encontrar um equilíbrio entre o uso dessas inovações e a preservação do espaço e do acesso aos livros físicos. As mudanças nas escolas devem ser cuidadosamente avaliadas e debatidas, garantindo que os recursos tecnológicos complementem, e não substituam, os recursos tradicionais como as bibliotecas.

Eles passaram agir ativamente do processo de ensino aprendizagem, realizando atividades individuais, em pares e depois em grupos. Também, participaram na roda de conversa expondo o entendimento sobre a utilização do conto e a abordagem do tema histórico.

CAPÍTULO 4 – O CONTO NO ENSINO DE HISTÓRIA

4.1 - O CONTO NEGRINHA COMO FONTE NO ENSINO DE HISTÓRIA

O conto escrito por Monteiro Lobato, retrata a realidade dos anos após a abolição e anos iniciais da implantação da República, assim, critica e denuncia a condição como os negros eram vistos e tratados na sociedade brasileira. A

personagem de D. Inácia representa a hipocrisia e a desumanidade, principalmente o pensamento enraizado da superioridade racial, social. Ao trabalhar esse conto, o educador pode conduzir a reflexão sobre o preconceito, racismo e outros temas agravantes presentes em nossa sociedade.

O conto pode ser utilizado nas turmas do Ensino Fundamental e Médio, especificamente ao abordar a vida difícil dos recém -libertos e a luta da comunidade negra por seus direitos. Também, o educador poderá ressaltar o conceito de fontes para a preservação da memória e narrativa histórica. Segundo Verena Alberti,

> (...) as fontes permitem ampliar o conhecimento, possibilita que alunos e alunas percebam na prática, como constitui o conhecimento histórico. O Trabalho com fontes possibilita, então, que os estudantes aprendam que o conhecimento sobre o passado é resultado do trabalho intelectual do historiador. (Alberti, Verena. 2019, p 107).

Para desenvolver essa proposta serão utilizadas aulas-oficinas. Com o intuito de promover as competências e habilidades entre os estudantes, principalmente a de formar a consciência histórica. Como material pedagógico poderão utilizar o livro didático, o conto “Negrinha” e outras fontes necessárias conforme orientação do professor, desde que estejam relacionadas ao tema a ser trabalhado. Em meio às transformações no currículo educacional é uma maneira de se preservar a História, por outros saberes.

Segundo Barca (2004) o conhecimento histórico se desenvolve por meio do método investigativo. Essa forma será diferenciada da aula- conferência, em que o professor expõe o conteúdo e o aluno tenta assimilar.

Na aula-oficina o estudante é prioridade no processo de ensino aprendizagem. O professor deverá planejar a aula com base nos questionamentos, problematizações que os orientem a pensar e refletir as possíveis possibilidades interpretações. Como ponto inicial será utilizada O conto “Negrinha”, pois além de ser uma leitura curta, também traz uma linguagem acessível aos estudantes, essa leitura a princípio será enviada antecipadamente para todos. Afinal é uma fonte histórica.

De acordo com as ideias de Isabel Barca, ao vivenciarmos os fatos pelas fontes, os estudantes conseguem compreender e se identificar com a História. As experiências, as trocas e reflexões resultam na construção do conhecimento. O estudante passa a ser protagonista, a sentir pertencente do processo histórico, pois

parte da realidade para a formação da consciência histórica, um agente social.

A aula-oficina proposta por Barca, traz alguns pontos que são relevantes para por em prática. Em primeiro lugar é citado a **Interpretação de Fontes:** ler fontes históricas- com suportes diversos, com mensagens diversas; cruzar as fontes nas suas mensagens, nas suas intenções, na sua validade; selecionar as fontes com critério de objetividade metodológica, para confirmar ou refutação de hipóteses descritivas ou explicativas.

Em segundo lugar, a **Compreensão contextualizada**: entender ou procurar entender situações humanas e sociais em diferentes tempos, em diferentes espaços; relacionar os sentidos do passado com as suas próprias atitudes perante o presente e a projeção do futuro; levantar novas questões, novas hipóteses a investigar o que constitui, em suma, a essência da progressão do conhecimento.

Já em terceiro lugar, a **Comunicação:** exprimir a sua interpretação e compreensão das experiências humanas ao longo do tempo com inteligência e sensibilidade, utilizando a diversidade dos meios de comunicação atualmente disponíveis.

Outro ponto importante a ser destacado é de que os estudantes são providos de conhecimentos prévios. Para a historiadora Marcia Teté, o levantamento dos conhecimentos prévios dos sujeitos escolares apenas é importante se o objetivo último é prospectivo, ou seja, a reflexão e a ação a partir dos dados investigados, − então categorizados e analisados −, servirem ao propósito da reflexão e da ação, no sentido de empreender mudanças significativas no ensino/aprendizado histórico visando a “qualidade” (Ramos, 2013. p 5)

Nesse sentido, o estudante é capacitado a fazer uma leitura do mundo de acordo com a visão da História. O conhecimento prévio pode ser realizado por meio de entrevistas ou de questionário, observações do professor realizadas nas turmas. Assim que o professor foi trabalhar com a fonte histórica, deverá elaborar os questionamentos de maneira correspondente com a realidade da turma.

4.2 PLANO DE AULA-OFICINA

Para dar efetividade na proposta abordada, apresento uma sugestão de plano

de aula com exemplo de aula-oficina.

1- Tema da Aula: O uso do conto "Negrinha" no Ensino de História
2- Objetivo Geral: - Compreender e apresentar as potencialidades da utilização do conto em sala de aula e no Ensino de História.
2.1- Objetivos Específicos: - Participar ativamente e interagir em sala de aula; - Compreender a importância da fonte histórica na construção da narrativa histórica; - Colaborar com a interdisciplinaridade no Ensino de História; - Trabalhar os conceitos históricos; - Desenvolver a empatia histórica; - Desenvolver a Licterácia histórica; - Interagir/Melhorar a relação do adulto com a criança e/ou adolescente.
3- Competências A partir da metodologia é importante que o aluno desenvolva a capacidade de exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, análise crítica, a imaginação e a criatividade; Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais; Utilizar diferentes linguagens; Compreender, Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências; Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos; Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação.

4- Encaminhamentos metodológicos

O professor irá propor o levantamento do conhecimento prévio do estudante, por meio de uma aula dialogada. Desta forma, os questionamentos serão essenciais para nortear a discussão e interação dos estudantes. Entre alguns questionamentos podemos citar: Qual a importância da fonte histórica (produções literárias) para o Ensino de História? Será que conhecem o Conto Negrinha? O que gostariam de saber mais sobre a fonte apresentada (Conto) e a relação com a História?

A partir desse levantamento e da problematização desenvolver-se-á as aulas-oficinas. Segue-se abaixo um exemplo de procedimento que pode ser adotado a partir do método sugerido.

5- Prática

Após o levantamento do conhecimento prévio dos estudantes, será apresentada o conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato.

O professor poderá preparar a aula utilizando as metodologias ativas. As Metodologias ativas são abordagens pedagógicas que colocam os estudantes no centro do processo de aprendizagem, incentivando-os a participar ativamente e a assumir um papel mais protagonista na construção do conhecimento. Em vez de serem apenas receptores passivos de informações, os estudantes são estimulados a se envolverem em atividades que promovem a colaboração, o pensamento crítico e a resolução de problemas. Como exemplo temos: Aprendizagem Baseada em Projetos, Aprendizagem Baseada em Problemas, Sala de Aula Invertida, Gamificação, Discussões em Grupo e Debates, Mapas Mentais e Conceituais.

No caso desta proposta, organizar os estudantes de forma circular e distribuir uma cópia impressa do Conto. Após a apresentação do Conto (fonte) será oportunizado a leitura individual e em seguida coletiva. Logo, será orientado para que os estudantes conversem com seu colega sobre a compreensão da leitura. Após, essa atividade, os estudantes poderão expor suas impressões.

Em seguida, o conteúdo da aula será relacionado ao conto, pois deverá ser contextualizado, interpretado e esclarecido as possíveis dúvidas.

Ao final da atividade o estudante deverá utilizar as metodologias ativas, gravar um vídeo mostrando o que compreendeu o tema estudado.

O professor deverá fazer as inferências observando o que for necessário sobre o desempenho dos estudantes na participação da oficina. Utilizando de registros que possam ajudar na devolutivas.

Como sugestão, o professor poderá orientar os estudantes a irem à biblioteca da escola a fim de emprestar o livro de Monteiro Lobato. Caso a quantidade seja insuficiente, utilizará o material impresso. É uma maneira de fazê-los conhecer o espaço da escola, a organização das obras preservadas. Também, deve-se conscientizar o sentimento de pertencimento e preservação da memória.

4.3 APLICABILIDADE DO CONTO NA SALA DE AULA

De acordo com a proposta apresentada sobre o trabalho com a literatura no Ensino de História, foi proporcionado na prática a experiência utilizando o plano de aula-oficina.

A turma selecionada foi a do 9 ano do Ensino Fundamental, do Colégio Y. O conteúdo do livro didático História e Sociedade do autor Alfredo Boulos, referia-se aos Movimentos Sociais: Negros, Indígenas e Mulheres. Sobre esse conteúdo a professora buscou dividir a turma em pequenos grupos de estudantes, para que fizessem a leitura do texto especificamente o Movimento Negro. Logo em seguida, pediu para que anotassem os pontos mais relevantes das discussões em grupo.

Em seguida foi pedido para formar um roda de diálogo com o intuito de apresentar ao grande grupo suas observações. Os estudantes aos poucos foram se manifestando e o objetivo da aula de identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar seus resultados foram sendo alcançados. Também buscou discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil. Nessa ação utilizamos o tempo de 2 aulas. O que pudemos perceber nessa primeira etapa foi a dificuldade dos estudantes se organizar em grupos, a princípio demonstraram resistência, mas depois conseguiram se firmar dentro dos grupos e compartilhar o material proposto. Podemos inferir que a falta de interação entre os estudantes decorreu, em parte, da ausência de reconhecimento do valor do coletivo.

Utilizando de metodologias ativas foi pedido aos estudantes para acessar o link do Jamboard. O Jamboard é um quadro interativo criado em 2016, com essa ferramenta eles deveriam criar um mural virtual com as questões direcionadas no grupo (Doc.1). Cada grupo entrou ao mesmo tempo no Jamboard e desenvolveram

o mural virtual. Foi muito interessante essa atividade, pois eles deveriam construir juntos o mural, escolher imagens, digitar as questões e respostas, saber respeitar a opinião do colega.

Diante dessa primeira etapa, a professora pode trazer a literatura como fonte para se trabalhar na aula de História. Foi preparado um material com o conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, para todos os estudantes. Eles realizaram a leitura individual do conto, anotaram o que mais chamou atenção. Após essa leitura individualizada, a professora propôs a leitura coletiva para os estudantes, em seguida abriu os questionamentos sobre o Conto, foi surpreendente a participação da turma, citando os trechos pedidos, explicitando a revolta das atitudes e descasos narrados no conto. Era perceptível os olhares que almejavam a palavra, muitos venceram a timidez e compartilharam suas opiniões e reflexões. Outros, permaneceram pensativos com a triste história de Negrinha.

Mediante essa interação, foi pedido que relacionassem o que aprenderam sobre o conto e o movimento social. Foram apresentadas as leis 10.639/2003, 11.645/2008 e 14.532, que destacam a importância do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, além de enfatizar a luta pelos direitos. Essas leis representam um avanço significativo na valorização e reconhecimento das contribuições dessas culturas para a sociedade brasileira, promovendo a igualdade e o respeito à diversidade étnico-racial.

Para organização dos estudos foi pedido o registro em folha em anexo para os estudantes, nessa folha registraram informações Conto, do autor e a relação com o tema: Movimentos Sociais – Negros. Os estudantes usaram a pesquisa em outras fontes, principalmente virtual.

Ao trabalhar o conto, os estudantes tiveram que assumir a função investigativa, interpretativa e entender a importância fonte histórica para o desenvolvimento da escrita. Também utilizar a pesquisa e uso da tecnologia para esclarecer as dúvidas que surgiam.

Ao realizar essa segunda etapa, foi orientado aos estudantes que criassem um Podcast do que conseguiram aprender durante essa aula com o uso da literatura nas aulas de História. O Podcast é uma das metodologias ativas que inspiram organizações e práticas interativas educacionais, outras muito usadas são: sala de aula invertida, rotação por estações, aula gamificada e aprendizagem baseada em

projetos.

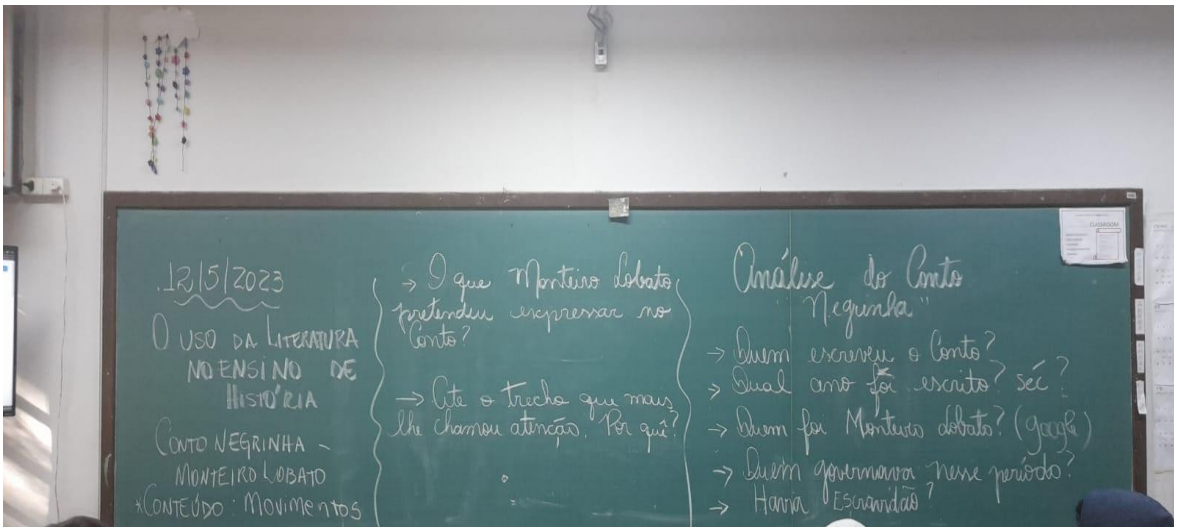
Os alunos permaneceram nos mesmos grupos que haviam realizados as discussões do Conto. A professora oportunizou o material com instruções de como realizar Podcast e os entregou, explicando detalhadamente passo a passo. Logo, deveriam organizar a forma como apresentar o Podcast, então alguns estudantes preferiram fazer em forma de entrevista entre eles, outros expondo o Conto e relacionando ao tema trabalhado. Foi estipulado um prazo para entrega do Podcast.

Na data da entrega, os estudantes não só desejaram entregar o que tinham feito, mas também apresentar a turma. Conforme as apresentações dos estudantes aconteciam os grupos que não tinham entregue também resolveram mostrar seu trabalho. O envolvimento foi tão contagiante que nas aulas seguintes, os estudantes esperam ansiosos para mais apresentações dos colegas, de forma que divulgavam o que tinham experimentado na aula de História aos professores da turma, o que despertou outras sugestões de obras literárias, outras atividades semelhantes aos que tinham vivenciado no trimestre.

4.4 IMAGENS DE METODOLOGIAS ATIVAS UTILIZADAS EM SALA

DOC 1- METODOLOGIA ATIVA – JAMBOARD

DOC.2- ANEXO DE ATIVIDADE UTILIZADA NA SALA - METODOLOGIA ATIVA – PESQUISA EM GRUPOS.



DOC.3 METODOLOGIA ATIVA - APRENDIZAGEM EM PARES

Aluno(a): _____

Prof: Iara Aparecida de Oliveira Veronezi

Desenvolva um comentário explicativo sobre a relação do Conto Negrinha e o tema Movimentos Sociais – Os Negros no pós-Abolição.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Em duplas: Converse com o colega sobre o assunto abordado na aula, em seguida elabore uma frase que síntese seu aprendizado.

_____
_____
_____
_____

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao repensar o Ensino de História, é necessário rever o papel do historiador(a), das fontes e da escrita histórica e como são abordadas no âmbito escolar. Sendo assim, fazer uso de obras literárias na disciplina de História é proporcionar uma visão diferenciada de mundo, pois vão favorecer escrever e discutir temas que são fundamentais para o desenvolvimento intelectivo e formativo de nossos estudantes.

Essa utilização e exploração das obras literárias também vão permitir o reconhecimento do estilo da escrita. Segundo as ideias defendidas por Peter Gay (1990, p.20), o estilo é o próprio homem, ou seja, cada um tem seu jeito próprio de representar a História, tanto na forma como no conteúdo, deixando claro, a intencionalidade.

De acordo com discurso de Peter Gay, podemos afirmar que o historiador(a) deve ter comprometimento e responsabilidade em levar o conhecimento com verdade, principalmente, no uso da escrita e na forma como é comunicada, pois, a ausência dessa postura pode instigar falsas informações, interpretações da história. Todavia, cabe ao historiador(a)/educador(a) analisar a escrita histórica, relacionar com as fontes e buscar esclarecer de forma precisa o que o contexto e fatos históricos indiciam.

Para Verena Alberti (2019, p.112), *"professores e professoras de história que têm a possibilidade de transformar o trabalho com fontes numa rotina contagiam suas turmas e possibilitam o aprendizado efetivo".* Foi pensando em manter uso de fontes e suas variedades que a proposta com a produção literária foi utilizada no ensino de História.

Antes de realizar na prática o uso do conto como fonte, já havia trabalhado em outros anos o mesmo conteúdo, porém percebi que ainda faltava algo que levasse a discussão e repercussão do tema não como uma aula diferente, legal mas transformadora. Ao utilizar a fonte literária de Monteiro Lobato, também foi pensado por que usar uma obra de um autor que foi criticado por racismo em seus escritos, então levar o conto era mostrar a linguagem, a ação como as pessoas agem e ao mesmo tempo reconhecer que ao longo dos anos ainda são comuns essas narrativas citadas no conto. Diante desse objetivo, os estudantes foram convidados

a refletir sobre uma educação antirracista.

Ao lerem o conto, os estudantes ficaram impactados com tanta crueldade, linguagem preconceituosa, desafeto, desumanização. Ao ser compartilhado com a turma, foram percebendo que ainda existem essas mesmas práticas, principalmente dentro da escola na relação entre eles, muitas vezes considerado “brincadeira”.

Na roda de conversa, um dos estudantes disse: “como é triste professora, todos os dias quando estou indo ao curso de menor aprendiz, vejo sempre uma senhora vindo de frente comigo, ao me ver muda de calçada. Penso, só porque sou negro, ou é meu jeito de andar e vestir. Professora são todos os dias, eu não vou roubar ela”. Em outra situação, uma estudante compartilhou que sofreu demais quando pequena, pois o cabelo, a cor da pele, eram motivos de chacotas para os colegas. Até que um dia, observando sua vó a fazer sabão observou que onde a parte da soda caia, ficava branco. Então, resolveu utilizar para passar em seu braço, acabou virando feridas. Essa estudante complementou ainda, não gosto da semana da Consciência Negra, pois a conscientização deve ocorrer todos os dias e não somente nesta semana. Outro depoimento foi de um estudante atleta de futebol, que já foi chamado de “macaco” pelos colegas ao errar um lance. Outros lembraram fatos que marcaram a infância quando iam para creche, seu cabelo era muito crespos e as outras crianças riam e tiravam sarros, lembraram que choravam muito. Queriam seu cabelo liso igual das crianças brancas.

Ouvir essas falas fez com que não conseguissem conter as lágrimas. Naquele momento era preciso que cada um refletisse e se humanizasse. Diante dessa situação, destacou-se a importância do Movimento Negro na luta contra todo esse tipo de preconceito, racismo e discriminação sofrida pela população negra brasileira. Foram mencionadas as leis 10.939/2003 e 11.645/2008 que garantem a abordagem dos estudos da Cultura e História Afro-brasileira, Indígenas e das Relações Étnico-raciais no ensino de História e a também, a lei 14.532/2023 injúria racial. Além disso, foi reafirmado que a luta é constante em prol de uma sociedade que respeite as diversidades.

Posso afirmar que, a partir dessa aula foi despertado nos estudantes um forte senso de pertencimento, gerando um prazer contagiante para tratar do tema, divulgando a outros colegas e professores. Dessas divulgações houve a interdisciplinariedade com a Língua Portuguesa. Antes mesmo de cada aula, a

maioria deles já me abordava, ansiosos para saber se haveria atividades semelhantes às que realizamos anteriormente.

Em face dos numerosos desafios educacionais que enfrentamos, é fácil cair na armadilha de acreditar que o aprendizado não está ocorrendo e que os estudantes estão completamente desinteressados. No entanto, os dados dos questionamentos que foram aplicados a eles, revelaram algo diferente: a maioria deles estão engajados na busca por conhecimento por meio da leitura e participam de metodologias de ensino ativas, como aprendizagem em duplas, grupos, apresentações orais, podcats, entre outras. Portanto, podemos afirmar que nossos estudantes são leitores, divulgadores e preocupados com a construção do conhecimento para a transformação de um sociedade melhor, comprovada pelo compartilhamento de suas experiências.

É necessário que ao ser planejar uma aula e implementá-la, temos o objetivo a alcançar, que fontes e métodos utilizar para que possamos atingir resultados positivos. É claro que nem sempre conseguimos envolver a todos ao mesmo tempo, mas é como montar um quebra-cabeça: cada peça precisa ser observada, assimilada e inserida com cuidado. À medida que avançamos, gradualmente formamos o todo e alcançamos os objetivos propostos para a aula. O processo pode ser desafiador, mas os pequenos avanços e as conquistas individuais dos alunos fazem toda a diferença no resultado final.

É claro que o professor(a) desempenha um papel importante como facilitador do aprendizado, utilizando sua experiência, conhecimento e habilidades para promover um ambiente de aprendizagem eficaz e significativo. Mas, é o estudante que na prática da aula é o sujeito ativo, protagonista da construção do conhecimento, é ele que por si mesmo reconhecerá o seu papel e ação na sociedade. Aqui também, devo fazer jus aos estudantes que dentro das limitações participaram da aula e a fizeram mais dinâmica. A História é tudo!

Por fim, conclui-se que é possível tornar as aulas de História mais participativas, permitindo que os estudantes adquiram um aprendizado efetivo. O professor(a) deve selecionar, dentre as diversas fontes históricas, aquelas que melhor auxiliarão nos estudos propostos para a aula. Além disso, utilizar metodologias ativas, proporcionando aos estudantes o acesso às fontes, capacitando-os a participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem,

favorecendo assim a participação ativa e colaborando positivamente para a construção de uma sociedade mais justa e harmônica.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes. In: **Dicionário de ensino de História** /coordenação Marieta de Moraes Ferreira, Margarida Maria Dias de Oliveira. Rio de Janeiro: FGV, Editora, 2019. p 107 -112.

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Trad. D. Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ARRAIS, Cristiano Alencar; OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. As Funções da Teoria da História na Construção do Livro Didático de História Regional. In: SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sônia Maria de. **O Ensino de História: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos.** Editora da PUC Goiás, 2012.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: **Para uma educação de qualidade. Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, p 131-144.

BARCA, Isabel. **O pensamento histórico dos jovens: ideias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica.** Braga: Universidade do Minho, 2000.

BARROS, José. **A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BORGES, Stella. Cotidiano. Uol. 22/10/2023. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/10/22/casos-abandono-de-criancas-e-adolescentes-brasil.htm?cmpid=copiaecola . Acesso em 10/02/2024.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador:** edição anotada por É.Bloch. Trad. de A. Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc- 20dez-site.pdf. Acesso: 03/12/2022.

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. 2004.

BUCHTIK, Lorena Marques Dagostin. A Adultização da História: representações sociais das crianças e adolescentes nos livros didáticos mais vendidos no Plano Nacional do Livro Didático de 2017. In: **História e historiografia da infância: instituições, literatura, legislação e ensino** / Eliane Mimesse Prado, Ailton José Morelli (Org.). Prefácio de Silvia Maria Fávero Arend. -- Maringá,PR : Edições Diálogos, 2021.p.107-118.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita a História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp,

1992

CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia: História entre Incertezas e Inquietudes**. Porto Alegre: Editora da Universidade /UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger . **A História Cultural**: **entre práticas e representações**. 2ª Ed. Algés: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. Debate: História e Literatura. Revista Topoi. Revista de História Programa de Pós-Graduação em História Social. Rio de Janeiro, n° 1 , pp.197-216.

CHARTIER, Roger**. "Escutar os Mortos com os Olhos**". Revista Estudos Avançados/ USP, n° 69, (2010).

GAY, Peter. **O Estilo na História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento Negro e Educação. In: FÁVERO, Osmar. IRELAND, Timothy Denis (orgs.). **Educação como exercício de diversidade.** Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2005. p. 179 - 226.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. p. 223-244.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha.** 2 ed. São Paulo: Globo, 2009.

MARINGONI, Gilberto. **O Destino dos Negros Após Abolição**. Revista de informações e debates do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2011. ano 8. Edição 70.

MOREIRA, A. N. **Aprendizagem Histórica e Gênero: Uma Experiência com Aula Oficina.** In: História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.25/2, (ago. 2020). – Pelotas: Editora da UFPel, 2020. 1 V. p.155 – 178.

MORELLI, A. J. **Memórias de infância em Maringá: transformações urbanas e permanências rurais (1970/1990).** São Paulo, 2010. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MORELLI, A. J. **O papel do espaço nas memórias da infância**. Fronteiras: Revista Catarinense de História, n. 38, p. 175-188, 29 dez. 2021.

MORELLI, A. J. Crianças e adolescentes como sujeitos dos planos de combate à violência sexual: o papel dos conselhos de direitos. In: **História e historiografia da infância: instituições, literatura, legislação e ensino** / Eliane Mimesse Prado, Ailton José Morelli (Org.). Prefácio de Silvia Maria Fávero Arend. -- Maringá,PR : Edições Diálogos, 2021.p.91 - 106.

MORELLI, A. J. Palestra "**História das Infâncias e Ensino de História**". You tube. 24/09/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KeJSH55MGpg.

Acesso em 06/02/2024
MWEWA, CHRISTIAN M. **Literatura e Violência: Educação às avessas em Negrinha de Monteiro Lobato (1920)**. Palestra realizada no IV Ciclo Internacional de História e Infâncias X Seminário do Neica. UFMS, 2023.

PARANÁ. Secretaria do Estado de Educação. **Currículo da Rede Estadual Paranaense**.Curitiba, 2019. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-5/crep_historia_2021_anosfinais.pdf

PINA, Max Lanio Martins. **O Ensino de História na Perspectiva de Jorn Rusen**. Rev. Hist. UEG -Anápolis, v.4, n.1, p.284-292, jan./jun. 2015

PRADO, Eliane Mimesse. Crianças nas ruas da cidade: ações caridosas na tentativa de sanar os excessivos contingentes de abandonados em São Paulo. In: **História e historiografia da infância: instituições, literatura, legislação e ensino** / Eliane Mimesse Prado, Ailton José Morelli (Org.). Prefácio de Silvia Maria Fávero Arend. -- Maringá,PR : Edições Diálogos, 2021. P.43-54.

PRADO, Eliane Mimesse. **Indícios corriqueiros da vida de jovens e crianças na cidade de São Paulo (1870-1912).** História Unicap, v. 5 , n. 9, jan./jun. de 2018.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. **Educação Histórica: articulação orgânica entre investigação e ação.** XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de História. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

REIS, Maria Firmina dos. A escrava (1887). In: **Úrsula e outras obras** [recurso eletrônico] / Maria Firmina dos Reis. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. (Série prazer de ler; n. 11 e-book)

RODRIGUES, Isabel C. AMARO, Hudson S. O papel do profissional de História na formação docente. In: **Metodologia e prática de Ensino de História.** Maringá: Eduem, 2013.

RÖSING, Tania; ZILBERMAN, Regina (Orgs.) **Leitura: História e Ensino**. Porto Alegre: Edelbra, 2016

RÜSEN, Jörn. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. Práxis Educativa, Ponta Grossa-PR, v.1, n.1, 15 jul./dez. 2006. Tradução de Marcos Roberto Kusnick.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001

SANTOS, Zeloi Martins dos. **História e Literatura: Uma relação possível.** Revista Científica /FAP. Curitiba, V. 2. p.117-126,2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. **A Formação do Professor de História e o Cotidiano da sala de aula: entre o embate, o dilaceramento, e o fazer histórico.**

São Paulo: Contexto, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A Formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Ana Lúcia da. **A opinião pública sobre as vozes negras abolicionistas e as escrevivências de Maria Firmina dos Reis na perspectiva da nova história política** / Ana Lúcia da Silva. -- Maringá, PR, 2023.